

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação

Carolina de Oliveira Goretti

JOVENS QUE RESIDEM COM A MÃE:
a participação no cuidado doméstico

Belo Horizonte

2023

Carolina de Oliveira Goretti

JOVENS QUE RESIDEM COM A MÃE:

a participação no cuidado doméstico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Ocupação.

Linha de pesquisa: Ocupação, cuidado e funcionalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana de França Drummond

Belo Horizonte

2023

G673j Goretti, Carolina de Oliveira
2023 Jovens que residem com a mãe: a participação no cuidado doméstico. [manuscrito]
/ Carolina de Oliveira Goretti – 2023.
66 f.: il.

Orientadora: Adriana de França Drummond

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 54-57

1. Participação – Teses. 2. Vida e costumes sociais – Teses. 3. Relações familiares – Teses. I. Drummond, Adriana de França.. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 364.28



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA OCUPAÇÃO

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA CAROLINA DE OLIVEIRA GORETTI

Realizou-se, no dia 17 de novembro de 2023, às 14:00 horas, Auditório Maria Lúcia Paixão, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *JOVENS QUE RESIDEM COM A MÃE: a participação no cuidado doméstico*, apresentada por CAROLINA DE OLIVEIRA GORETTI, número de registro 2021699743, graduada no curso de TERAPIA OCUPACIONAL, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Adriana de França Drummond - Orientadora (UFMG), Prof(a). Luciana Assis Costa (UFMG), Prof(a). Erica Dumont Pena (Escola de Enfermagem/UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

A versão final da dissertação, devidamente corrigida, deverá ser entregue até 60 dias após sua defesa.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 17 de novembro de 2023.


Prof(a). Adriana de França Drummond (Doutora)


Prof(a). Luciana Assis Costa (Doutora)


Prof(a). Erica Dumont Pena (Doutora)

*Às mulheres que me inspiram num
caminho de luta e liberdade*

AGRADECIMENTOS

Na sociedade patriarcal em que vivemos, durante um longo período, a mulher se viu restrita ao espaço da casa. A ela cabia a tarefa do cuidado com o marido, com os filhos e com outros familiares. A ela cabia a tarefa de transformar a casa em um lar. Através de muita luta outros espaços têm sido ocupados e direitos têm sido gradativamente conquistados. Às mulheres que desbravaram um mundo para que eu pudesse hoje estar na universidade, às mulheres que tiveram suas histórias negligenciadas, minha eterna gratidão e admiração.

À minha mãe, mulher que trilhou seu caminho com muita luta e alcançou lugares jamais imaginados por ela mesma, agradeço imensamente por ser exemplo de força, determinação e coragem. Agradeço por me fazer acreditar que eu também era capaz de lutar.

À Tia Verônica, a mulher da família que me despertou o desejo pelo mundo acadêmico, por ter sido incentivadora constante dos estudos, da leitura e da escrita.

A todas as mulheres da minha família que sempre me deram apoio e afeto e que ensinaram que, muitas vezes, é preciso desobedecer para perseverar.

Às minhas amigas, companheiras na luta por um mundo mais justo para as mulheres, por serem meu suporte, por acreditarem em mim, por nunca deixarem para trás outras mulheres. Em especial à Mari, por ter acreditado que eu era capaz de encarar esse desafio; à Marininha por ter escutado meus devaneios sobre O Ponto Zero da Revolução e ter acreditado que poderia virar uma pesquisa; à Gabi pelas inúmeras reflexões sobre o cuidado. À Lu, Ju e Julinha por compreenderem minha ausência e por serem suporte nessa jornada.

À Zeli por ser minha rede de apoio e por se ocupar do cuidado com a minha casa e minha família sempre que eu precisei.

À Adriana, por exercer com maestria seu papel de orientadora dessa caminhada, por compreender os meus processos e por não me deixar ser engolida por eles, mas principalmente por despertar em mim o gosto pela pesquisa e pela escrita acadêmica. O seu brilho no olhar e a alegria na sua voz ao falar da pesquisa foram os maiores incentivos para seguir relendo, reescrevendo e curtindo cada momento desse trabalho.

À Márcia, pela escuta, acolhimento e incentivo. Por me oferecer um espaço para me lembrar de quem eu sou e do que sou capaz.

À Ana, por ser meu ponto de luz e alegria mesmo quando tudo parecia nublado. Por me lembrar de sorrir e de brincar.

Ao Fernando, pelo incentivo e pela parceria nessa trajetória e na vida. Pelo apoio constante para tornar essa pesquisa possível.

Aos amigos Boca, Faustinho e Borel por me darem a mão nesse momento, por compartilharem seus conhecimentos e suas experiências, por aguentarem ouvir tanto sobre minha pesquisa.

Aos colegas de trabalho que se viram sobrecarregados com as minhas ausências e aos meus chefes, Evelin e Paulo, por permitirem que eu tivesse tempo para estudar.

Aos amigos que o mestrado me deu, principalmente Marcelo e Val, vocês foram porto nos momentos que eu me vi sem rumo, foram colo nos momentos que precisei de acolhimento e me mostraram que a academia também é lugar para a emoção. Seguimos de mãos dadas pelas batalhas da vida.

À UFMG, por estar inteira após anos difíceis e por me receber de volta. Ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação/EEFFTO/UFMG por proporcionar essa oportunidade e por incentivar o desenvolvimento de pesquisas na área da ocupação humana.

Aos membros da banca, obrigada por aceitarem o convite para participar desse momento e por contribuírem para o crescimento dessa pesquisa.

“Como criança, eu via o seu trabalho; mais tarde, como feminista, eu aprendi a enxergar a sua luta. Assim, eu me dei conta da quantidade de amor que havia naquele trabalho”

(Silvia Federici. O Ponto Zero da Revolução, 2019)

RESUMO

O cuidado doméstico é um trabalho de manutenção de vida que foi naturalizado como ato de amor feminino. A divisão sexual do trabalho é construída socialmente e tem sido modificada por fatores políticos, econômicos e sociais. Há uma tendência mundial de mudança dos arranjos familiares com o adiamento da saída dos filhos adultos da casa dos/das pais/mães. No Brasil, há um aumento na proporção de famílias com filhos maiores de 18 anos residindo com os pais, sendo que a mudança mais significativa ocorre na faixa etária entre 25 e 34 anos (IBGE, 2016). O presente estudo tem como objetivo compreender a percepção das jovens que residem com a mãe sobre o cuidado doméstico. Trata-se de um estudo qualitativo, no qual foram entrevistadas cinco jovens solteiras ou separadas, que residem com a mãe, moradoras de Belo Horizonte e região metropolitana, com idade entre 25 e 34 anos, de diferentes níveis socioeconômicos e raças. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas e, para classificação socioeconômica, o Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2021). Para a interpretação dos dados utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Os resultados mostraram que as jovens participam mais de atividades domésticas voltadas para o cuidado para si do que de atividades domésticas familiares e a menor participação justifica-se pelo envolvimento nos estudos, assim como na infância e na adolescência. Em situações de ausência da mãe, a jovem é acionada e realiza as tarefas domésticas como uma ajuda. O cuidado doméstico não é compreendido pelas participantes como uma atividade naturalmente feminina, porém permanece centralizado na mulher e, sobretudo, na mãe. Conclui-se que as jovens que residem, sobretudo com as mães, compreendem o cuidado doméstico como algo primordial para a manutenção da vida e como algo desgastante, no entanto, mantém a desigualdade de gênero entre as próprias mulheres ao assentirem com a maior responsabilidade desse cuidado centrado na figura materna.

Palavras-chave: participação; cuidado doméstico; relações familiares

ABSTRACT

Domestic care is life-sustaining work that has been naturalized as an act of female love. The sexual division of labor is socially constructed and has been modified by political, economic and social factors. There is a worldwide tendency to change family arrangements with the postponement of adult children leaving their parents' home. In Brazil, there is an increase in the proportion of families with children over 18 years old living with their parents, with the most significant change occurring in the age group between 25 and 34 years old (IBGE, 2016). The present study aims to understand the perception of young women who live with their mothers about domestic care. This is a qualitative study, in which five young single or separated women were interviewed, who live with their mother, residents of Belo Horizonte and the metropolitan region, aged between 25 and 34 years old, of different socioeconomic levels and races. Semi-structured interviews were used and, for socioeconomic classification, the Brazilian Economic Classification Criteria (ABEP, 2021). To interpret the data, content analysis was used (BARDIN, 2016). The results showed that young women participate more in domestic activities aimed at caring for themselves than in family domestic activities and the lower participation is justified by their involvement in studies, as well as in childhood and adolescence. In situations where the mother is absent, the young woman is called in and performs household tasks as a help. Domestic care is not understood by the participants as a naturally feminine activity, but it remains centered on women and, above all, on the mother. It is concluded that young women who live, especially with their mothers, understand domestic care as something essential for maintaining life and as something exhausting, however, it maintains gender inequality among women themselves by agreeing with the greater responsibility of this care centered on the mother figure.

Keywords: participation; domestic care; family relationships

PREFÁCIO

Para compreender a minha motivação para este estudo, é preciso saber quem eu sou. Sou mãe de uma criança, casada, filha de pais separados. Sou descendente de mulheres que nunca se abateram pelas dificuldades da vida e que lutaram, dentro da realidade delas, para uma vida melhor para elas e seus filhos. Sou terapeuta ocupacional há 12 anos e trabalhadora do SUS desde o começo da minha carreira profissional. Trabalhei no NASF, CAPS I, CAPSad, CAPSij e CERSAM.

Durante esse percurso comecei a observar que o adoecimento das mulheres perpassava pela sobrecarga gerada pelo cuidado doméstico, criação dos filhos, atividades de estudo e de trabalho produtivo. Observei também que a demanda de cuidado mudava na medida em que os filhos transitavam entre as fases do desenvolvimento humano.

Foi durante o meu puerpério que conheci Silvia Federici. Naquele momento em que eu me descobria como mãe, descobri também que aquilo que eu fazia e que aquelas mulheres que passavam pelo meu consultório faziam era trabalho. Apesar de ser desempenhado a partir da criação de vínculos de afeto, não era amor, era trabalho reprodutivo não remunerado e impactava em todas as outras demandas ocupacionais.

Ao conversar com a Adriana, minha orientadora, ela percebeu, antes de mim, que minha pesquisa precisava ser sobre o cuidado doméstico. Após muitas leituras sobre os arranjos familiares, relações de cuidado e sobre a aprendizagem do cuidado doméstico surgiu a questão:

Agora que os jovens têm permanecido mais tempo na casa da família, como se dá o cuidado doméstico?

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	10
2	INTRODUÇÃO	11
3	OBJETIVOS.....	18
3.1	OBJETIVO GERAL:.....	18
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	18
4	METODOLOGIA.....	19
4.1	PARTICIPANTES	19
4.2	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS	19
4.3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	20
4.4	ASPECTOS ÉTICOS.....	20
5	ARTIGO	22
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICE A - Roteiro de entrevista.....	58
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	59
	ANEXO I - Modelo de Questionário sugerido para aplicação - CCEB	60
	ANEXO II - Parecer Consubstanciado do CEP.....	62

1 APRESENTAÇÃO

Esta dissertação está organizada em formato de artigo conforme estabelecido pela Resolução nº 02/2021 do Programa de Pós – Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, que estabelece os critérios para a Defesa de Dissertação dos discentes do Curso.

A opção de estrutura da dissertação em formato de artigo prevê a organização da seguinte forma: introdução e metodologia expandidas, com desenvolvimento amplo sobre o objeto de estudo; seguida do artigo científico organizado em introdução, metodologia, resultados, discussão, considerações finais e referências bibliográficas. Após o artigo, a dissertação é encerrada com as considerações finais expandidas, as referências bibliográficas utilizadas no trabalho, os anexos e apêndices. O artigo foi formatado de acordo com as normas exigidas pelo Occupational Therapy Journal of Research (periódico em que será submetido o manuscrito para publicação).

2 INTRODUÇÃO

O cuidado doméstico perpassa a vida de todas as pessoas e os diferentes contextos sociais, políticos, econômicos e culturais geram formas distintas de divisão de responsabilidades e de participação nessa dimensão de cuidado. A divisão sexual do trabalho é uma construção social, tradicionalmente cabendo aos homens, em diferentes sociedades, o trabalho realizado fora de casa, no mercado de trabalho, e às mulheres as funções relacionadas ao cuidado doméstico e com a família, o que é denominado trabalho reprodutivo (Melo; Castilho, 2009). Se aos homens cabe a ocupação de espaços públicos, as mulheres são relegadas à esfera privada. O cuidado doméstico tem sido naturalizado como um ato de amor feminino e de afeto; nessa perspectiva, não há motivo para ser remunerado (Federici, 2019; Melo; Castilho, 2021).

A partir do século XIX, com a evolução do capitalismo industrial, a mão de obra feminina passou a ser necessária ao mercado, impondo modificações à dinâmica familiar de divisão do trabalho marcada por homens responsáveis pelo trabalho produtivo e mulheres responsáveis pelo trabalho reprodutivo – muitas vezes não remunerado (Melo; Castilho, 2021). No século XX, há a entrada em massa de mulheres de todas as classes sociais no mercado de trabalho, o que culminou numa crise da divisão sexual do trabalho, uma vez que as mulheres passaram a desenvolver também o trabalho produtivo (Melo; Castilho, 2021).

A maior participação da mulher no sistema financeiro do domicílio tem levado a uma mudança gradual nos papéis dentro de casa. Observa-se uma transição na divisão das tarefas domésticas, principalmente na classe média, com homens e mulheres compartilhando atividades de cuidado com os/as filhos/as e com a casa (Wagner *et al.*, 2005). Apesar disso, a dedicação ao cuidado doméstico continua sendo atravessada pela desigualdade social, econômica, de gênero e de raça. Para além das questões de gênero, a raça, como um dispositivo de poder, é um demarcador importante para as desigualdades (Teixeira, 2021). Biroli (2015) ressalta que, enquanto o gênero prevalece como definidor das desigualdades da divisão do trabalho doméstico não remunerado, a raça determina quem é beneficiado pelo trabalho doméstico remunerado e quem o executa. As mulheres negras experimentam, ainda hoje, as marcas deixadas pela escravidão, uma vez que ainda são as responsáveis pelas funções vinculadas à servidão (BIROLI, 2015; DOMINGOS, 2022). Sendo assim, homens de classes privilegiadas e mulheres brancas usufruem, sobretudo, do cuidado ofertado por mulheres pobres, imigrantes e racializadas (HIRATA, 2022).

No Brasil, mulheres com menor grau de instrução e inseridas no mercado de trabalho de forma precária – trabalho informal ou sem remuneração – são as que mais gastam tempo com o cuidado doméstico em comparação com os homens na mesma situação (MELO & CASTILHO, 2009). Já as mulheres em cargos de gestão são as que menos se ocupam do trabalho reprodutivo por terem condições de pagar trabalhadoras para realizarem as tarefas, mas o tempo despendido com os afazeres ainda é superior ao tempo despendido pelos homens em cargos semelhantes (MELO & CASTILHO, 2009).

Assim, ter um trabalho remunerado não exime as mulheres de assumirem o cuidado doméstico, gerando, frequentemente, uma dupla ou tripla jornada. Apesar de ser um trabalho de manutenção de vida, ou seja, essencial para todos os seres humanos, o cuidado ainda é desvalorizado economicamente e invisibilizado, realizado principalmente por mulheres que têm seu tempo e energia consumidos e outras dimensões da vida limitadas pela falta de disponibilidade e de autonomia (HIRATA, 2022). De acordo com o IBGE (2023), as mulheres dedicam, em média, 21,3 horas semanais aos cuidados e afazeres domésticos enquanto os homens dedicam 11,7 horas.

Outra mudança ocasionada pela entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho é a transformação do domicílio em um campo de mercantilização do trabalho, desafiando a divisão das esferas do público e do privado. O domicílio, antes um espaço marcado pelo íntimo e pelo privado, passa a ser também espaço de relações mercantis. Os estudos sobre o cuidado revelam que as relações sociais e os regimes de emprego são diversos neste contexto, porém são fundamentados quase sempre numa relação que recai sobre o feminino, indiferentemente de quem seja o beneficiário do cuidado (GUIMARÃES, 2019).

As evidentes desigualdades sociais, a diversidade dos modos e das relações que permeiam o cuidado foram fatores que levaram Guimarães (2019) a caracterizar os “Circuitos do Cuidado”. Nesta caracterização, a autora destaca como se configura a atividade; como são reconhecidos socialmente os agentes do cuidado e se eles o reconhecem como trabalho; as relações sociais que mantêm o exercício dessa atividade, se há fronteiras e hierarquia entre essas e outras atividades semelhantes; se há ou não retribuição pelo trabalho e como ela se dá. Estabeleceu-se, assim três configurações:

- o cuidado como obrigação – atividade de cuidar realizada em domicílio que, por estar transvestida de “amor” e “responsabilidade”, não é reconhecida como um trabalho. Trata-se de uma obrigação social estabelecida pela hierarquia das relações e por questões de gênero e, por não ser remunerado, não está elencado como uma atividade economicamente relevante;

- o cuidado como ajuda – nesta configuração, o cuidado ultrapassa os limites do domicílio, envolvendo família extensa e amizades locais/comunitárias. Os indivíduos envolvidos reconhecem a atividade como uma ajuda. Redes de reciprocidade são constituídas na ausência de políticas de assistência social e na dificuldade de recorrer ao trabalho remunerado de cuidado. Também no estabelecimento destas redes destaca-se os marcadores sociais de gênero e de idade, nos quais a responsabilidade normalmente recai em mulheres adolescentes e adultas que cuidam de gerações mais novas, gerações mais velhas e de doentes de qualquer idade;
- o cuidado como profissão – apenas em 2002, no Brasil, a atividade de “cuidadoras profissionais” passa a constar na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), ainda com uma descrição muito ampla sobre condições de trabalho. No entanto, o fato de ser reconhecido como uma ocupação, não garantiu direitos às cuidadoras e expõem as profissionais a todos os tipos de relações e condições de trabalho. No contexto brasileiro, o trabalho de cuidado domiciliar é exercido majoritariamente por mulheres e predominantemente por mulheres negras. As mulheres brancas ocupam postos de trabalho em instituições e funções de mando nos serviços de cuidado (GUIMARÃES, 2019).

Em países industrializados, o aumento da população idosa e a inserção das mulheres no mercado de trabalho levou ao crescimento das profissões de cuidado que, mesmo com exigências cada vez maiores de formação e qualificação profissional, continuam sendo profissões desvalorizadas, uma vez que o trabalho do cuidado ainda é invisibilizado e mal conhecido (HIRATA, 2022).

Diante do aumento da permanência de jovens no domicílio das famílias, como se configura o cuidado doméstico?

Nos últimos anos, é possível observar uma tendência mundial de mudança dos arranjos familiares. Na década de 1980 nos EUA, 12% da população vivia em domicílio com mais de uma geração adulta; em 2014, essa proporção passou a ser de 20%, sendo que grande parte corresponde a adultos entre 18 e 34 anos (CAPUTO, 2019). Na Europa, entre 2005 e 2011, foi detectado um crescimento de 55% de coresidência de adultos com os pais nos países do Sul, 39% nos países liberais, 36% nos países conservadores e 18% nos países social-democratas (BURGESS & MUIR, 2020).

No Brasil, a composição familiar de casais com filhos apresentou uma redução: em 2005, correspondia a 50,1% das famílias e, em 2015, a 42,3%. Já as famílias compostas

por casais sem filhos passaram de 15,2% em 2005 para 20,0% em 2015. Outra mudança importante diz respeito à pessoa de referência da família: em 2005, as mulheres assumiam esse papel em 30,6% dos domicílios, já em 2015, chegaram a 40,5% (IBGE, 2016).

Um fenômeno relevante no Brasil é a transformação dos dados referentes aos filhos residindo com os pais. Segundo o IBGE (2016), família é o grupo de pessoas que residem em uma mesma casa e que estão ligadas por relações de parentesco estabelecidas pelo sangue, adoção ou matrimônio. O índice de famílias com filhos de 18 anos ou mais aumentou de 20,7% em 2005 para 24,6% em 2015 e quando se considera a faixa etária de 25 a 34 anos, a proporção aumenta para 25,3%, ficando evidente o prolongamento ou retorno à casa dos pais por filhos adultos. Em 2015, a taxa de emprego de filhos que residiam com os pais era de 71,7%, semelhante à taxa de emprego daqueles que não viviam com os genitores (75,1%). Porém, observa-se que há diferença no tempo de estudo dos filhos: entre os que residiam com os pais, 35,1% possuíam ensino superior incompleto ou escolaridade mais elevada, 13,2% ainda estudavam e seu tempo médio de estudo era de 10,7 anos. Por outro lado, no grupo que não vivia com os pais, 20,7% tinham ensino superior incompleto ou nível mais elevado, apenas 7,2% ainda estudavam e o tempo médio de estudo era de 9,8 anos. Tais dados sugerem que a opção de permanecer na casa dos pais não estaria relacionada à falta de trabalho, mas sim ao prolongamento do tempo de estudo (IBGE, 2016).

O surgimento de expressões como “geração bumerangue”, “solteiros parasitas” e “adultos corresidentes” apontam para a questão da infantilização da vida adulta, uma vez que é cada vez maior o número de mulheres e homens residindo com os pais e as mães (DEBERT, 2010). O fator econômico é apontado como a principal causa para o adiamento da saída da casa dos pais, mas esse fato não é capaz de explicar o fenômeno como um todo, uma vez os jovens costumavam sair de casa por decidirem viver de forma independente, mesmo com a possibilidade de queda nos padrões de vida a curto prazo (DEBERT, 2010). Porém a ideia de independência que marcava esse período é substituída pela dependência gerada pela necessidade de uma formação profissional continuada, perdas de emprego e questões pessoais (DEBERT, 2010).

Debert (2010) ressalta que, no contexto brasileiro, este processo de independência e autonomia é marcado pelas desigualdades sociais. Nas classes sociais mais elevadas, temos indivíduos que não saem da casa da família por dificuldade de alcançar um ideal de acesso a bens de consumo. Para esta autora, indivíduos de classes econômicas menos favorecidas passam por um processo de adultização mais cedo por estarem expostos a situações (gravidez

na adolescência, violência, falta de suporte social) que obrigam o amadurecimento precoce, levando-os a sair mais cedo da casa da família.

Observa-se que a idade cronológica tem pesos distintos para a definição das etapas da vida ao longo da história das sociedades ocidentais. A organização de estágios de vida estruturados e determinados pela idade, na Modernidade, foi utilizada para descrever as transformações, o tempo de transição e a sensibilidade investida em cada etapa, mas também para definir o curso de vida como instituição social (DEBERT, 2010). Tal institucionalização envolve dimensões do mundo familiar, do trabalho, do mercado de consumo e de políticas públicas. O Estado Moderno regulamenta todas as etapas de vida através das fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria. É preciso considerar que há diferenças nas etapas em diferentes sociedades modernas e em diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade (DEBERT, 2010).

Embora a idade cronológica continue sendo um marcador importante para o acesso a direitos e deveres, com o desenvolvimento tecnológico contemporâneo deixa de fazer sentido as categorias divididas de forma rígida por idade, assim a experiência pós-moderna fica marcada pela “descronologização” da vida (PAIS, 2009). Observa-se uma grande variação de idade em eventos demográficos como casamentos, maternidade, divórcio e tipos de unidade doméstica. Sendo assim, passa a fazer sentido uma categorização pela ideia de papéis sequenciados e não apenas por faixa etária, nessa perspectiva, os ciclos são definidos por marcadores de passagem (DEBERT, 2010). O *status* de adulto passa a ser alcançado pela obtenção de uma independência financeira ou pelo casamento. Porém, estes são traços fluidos e marcados pela reversibilidade - emprego/desemprego, casamento/divórcio, abandono/retomada dos estudos, morar sozinho/retorno à família de origem (PAIS, 2009).

Pais (2009) pontua que “embora socialmente reconhecidos, os marcadores de passagem não instituem, porém, uma colagem dos indivíduos à idade induzida por efeitos desses marcadores”. Certos artifícios são utilizados para a manipulação da imagem esperada para cada idade, como é o caso de procedimentos estéticos, vestuários e consumos culturais. O autor traz o conceito de gerações de fronteira ou gerações sanduíche como resultante do esvaecimento da divisão entre diferentes gerações. Com ausência de marcadores claros, como os ritos de passagem existentes antigamente, tornou-se difícil definir quando um adolescente chega à fase adulta, surgindo então os jovens adultos que participam desta pesquisa.

Diante dessa realidade, nota-se um crescimento no número de estudos sobre os impactos da saída tardia da casa dos pais. Burgess & Muir (2020) destacam, como motivação para a vida multigeracional no Reino Unido, o envelhecimento da população, a dificuldade de

acesso dos/as filhos/as à habitação, a formação tardia de família e o desejo de manter a conexão entre as gerações. Já na Coreia do Sul, Kye e Choi (2021) apontam que a coresidência entre pais/mães e filhos/as adultos/as aumentou devido à redução do número de irmãos, ao casamento tardio e ao declínio da taxa de fertilidade dos filhos. Thomeer e Reczek (2020) analisaram que o agravamento da saúde mental de filhos/as adultos/as e o uso abusivo de álcool e tabaco, tanto dos/as filhos/as quanto das mães, aumentam o padrão de coresidência. No que se refere à saúde e qualidade de vida, Zhang, Reczek e Colen (2020) apontam que mulheres de meia-idade que residem com os/as filhos/as têm menor índice de obesidade, atribuindo isso à diminuição do estigma da coresidência nas últimas duas décadas e ao fato de terem menos preocupações com os/as filhos/as ao longo do tempo e assim, ganharem menos peso. Do e Malhotra (2012) observaram que mulheres idosas da Coreia do Sul, que residem com os/as filhos/as adultos/as, tendem a ter menos sintomas depressivos. Em contrapartida, Caputo (2019) concluiu que o retorno de filhos/as adultos/as para a casa dos pais pode ser um fator estressor, piorando a saúde mental dos pais, principalmente quando este retorno se dá por uma dificuldade financeira. Ainda nesse estudo, não foi encontrada alteração no bem-estar dos pais quando o/a filho/a permanece em casa e, em nenhum caso, a permanência na casa dos pais melhorou a saúde dos pais.

Estudos sobre o cotidiano de jovens buscam entender, principalmente, a dinâmica de casais no que se refere à divisão do trabalho doméstico e ao cuidado com filhos/as (MCCONNON *et al*, 2022) ou a forma como se dá a divisão do cuidado doméstico em domicílios compartilhados por jovens (CLARK *et al*, 2019). Mcconnon *et al* (2022) ressaltam que os jovens acreditam que as mães devem ter a opção de ter um trabalho remunerado, entretanto apontam o cuidado com os filhos como um fator limitante. Clark *et al* (2019) apontam que jovens que dividem a residência com outros/as jovens preferem que a organização das tarefas domésticas se dê através de regras orgânicas e definidas pelo diálogo, uma vez que entendem que regras pouco flexíveis comprometem a autonomia pessoal.

Os estudos sobre a participação de filhos/as nas tarefas domésticas se referem, principalmente, às crianças e adolescentes. Drummond *et al* (2015, 2019) investigaram a participação de crianças e adolescentes no cuidado doméstico e observaram que a importância conferida pelos cuidadores à realização de tarefas de cuidado doméstico por crianças e adolescentes está ligada a uma perspectiva futura, relacionada à independência e autonomia na vida adulta. Apesar de considerarem relevante que os/as filhos/as realizem tarefas domésticas para autonomia futura, para aprendizagem de novas habilidades e até para evitar sobrecarga de um único membro da família; os cuidadores mantêm, de certa forma, a

dependência de crianças e adolescentes (DRUMMOND *et al*, 2019). Entre fatores que diminuem a participação de crianças e adolescentes nas tarefas domésticas estão a presença de empregada doméstica e mães que trabalham fora de casa (DRUMMOND *et al*, 2015). É importante ressaltar que pensar a participação no cuidado doméstico como uma perspectiva para a vida adulta é um privilégio das classes sociais mais abastadas. Sabe-se que nos segmentos mais pobres da sociedade o trabalho doméstico é visto como elemento disciplinador e como forma de evitar o envolvimento em atividades criminosas (PATRIOTA & ALBERTO, 2014).

No Brasil, a saída da casa dos pais ou mães está associada ao estabelecimento de uma união estável, à independência financeira – que tende a ocorrer em idades mais avançadas – e a conflitos que impeçam o convívio familiar. De uma maneira geral, na cultura brasileira, não é esperado que o/a adolescente saia de casa, sendo naturalizada a permanência do/a jovem na casa dos pais (DRUMMOND *et al*, 2015). Essas experiências familiares podem levar pais e mães a uma dificuldade de compreender quando incentivar a maior participação de filhos/as no cuidado doméstico (DRUMMOND *et al*, 2015 e 2019). Não foram encontrados estudos com o objetivo de compreender a participação de jovens na divisão do cuidado doméstico quando permanecem na casa do(s) pai(s) ou mãe(s)

Considerando-se que os/as cuidadores/as julgam importante a participação das crianças e adolescentes no cuidado doméstico visando a autonomia no futuro, como se dá essa participação quando os/as filhos/as chegam à vida adulta? Com o adiamento da saída da casa dos/das pais/mães e, em um contexto em que as mulheres continuam sendo as maiores responsáveis pelo trabalho reprodutivo, os/as filhos/as jovens participam do cuidado doméstico?

Diante do exposto, pergunta-se: Como se configura o cuidado doméstico de filhas residem com a mãe?

Qual a percepção das jovens sobre o cuidado doméstico em suas residências? As filhas jovens que residem com a mãe participam do cuidado doméstico? Como?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL:

Compreender a percepção das jovens que residem com a mãe sobre a participação no cuidado doméstico.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender como se configuram as experiências do cuidado doméstico das jovens que residem com a mãe;
- Entender se há distribuição do cuidado doméstico nestas residências, como ela se dá e quais os fatores a condicionam;
- Em caso de participação, observar o que é feito pelas jovens no cuidado doméstico;
- Entender o que as leva a participar ou a não participar do cuidado doméstico e a que atribuem essas posições;
- Compreender como entendem a posição dos/as demais moradores/as da casa diante do cuidado doméstico.

4 METODOLOGIA

Como estudo qualitativo, esta pesquisa tem por objetivo a compreensão de crenças, valores, significados relacionados às experiências de cuidado doméstico das jovens que residem com a mãe. A abordagem qualitativa visa o aprofundamento das vivências das ações e relações humanas (MINAYO, 2001).

4.1 PARTICIPANTES

As participantes são cinco jovens com idade entre 25 e 34 anos, moradoras de Belo Horizonte/região metropolitana, solteiras ou separadas, de diferentes níveis socioeconômicos, de diferentes raças, que residem com a mãe. A definição do intervalo de idade das participantes é baseada nos dados do IBGE (2016) que apontam um aumento de filhos/filhas residindo com os pais nesta faixa etária.

O critério de exclusão foi possuir alguma condição de saúde, autodeclarada ou declarada por responsáveis, que impedisse que a jovem participasse da entrevista.

As participantes foram contactadas em diferentes instituições de ensino, de trabalho e por grupo de pesquisa em que a pesquisadora está inserida. O número de participantes da pesquisa foi definido de forma gradual, ou seja, na própria configuração do processo de coleta e análise dos dados (FLICK, 2009).

4.2 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Os dados socioeconômicos foram coletados por meio da escala Critério de Classificação Econômica Brasil desenvolvida pela Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEP, 2021) em ANEXO I. A escala considera aspectos como estrutura física da residência, presença de bens de consumo e escolaridade do/a chefe de família para classificar seis classes decrescentes (A, B1, B2, C1, C2 e DE).

Foram realizadas entrevistas com as jovens com roteiro semiestruturado, contendo questões para a caracterização da participante e perguntas abertas norteadoras que abordaram os motivos para permanência ou retorno das jovens para a casa da família, a organização do cuidado doméstico no domicílio e a participação da jovem no cuidado doméstico (APÊNDICE A). O local de realização das entrevistas foi escolhido pela entrevistada. As entrevistas duraram de trinta minutos a uma hora, foram gravadas, transcritas, bem como foram feitas anotações em diário de campo, sendo conduzidas pela terapeuta ocupacional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação/EEFFTO/UFMG.

4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Foi realizada a análise de conteúdo dos dados que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens, tendo por objetivo elaborar inferências lógicas sobre a origem e condições de produção das mensagens em análise (BARDIN, 2016).

Em um primeiro momento, foi feita uma análise em profundidade das entrevistas e do diário de campo da pesquisadora. A seguir foram definidas unidades temáticas e, a partir delas, foram definidas as categorias analíticas motivação para permanência, saída ou retorno para a casa da família; a centralidade da mulher no cuidado doméstico e o papel dos demais familiares; jovens e cuidado doméstico: o que fazem, o que não fazem e por quê?; a educação para o cuidado doméstico. Em um último momento foi feita a análise crítica e reflexiva dos resultados.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS

Para garantir o sigilo, os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios e dados que pudessem identificá-las foram omitidos. Esta pesquisa está vinculada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação (CPGEO), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O projeto de pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP UFMG) – CAAE: 61152822.5.0000.5149 em 06 de setembro de 2022 (ANEXO II). Todos as participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

A pesquisa envolveu o risco de constrangimento ou de possível desconforto durante algumas perguntas; caso a participante se sentisse incomodada poderia interromper a entrevista a qualquer momento ou desistir da participação sem qualquer penalidade. Não houve nenhuma interrupção ou desistência de entrevista.

O processo de produção científica em ciências humanas é um processo dialógico, assim, o/a pesquisador/a precisa reconhecer que parte de determinado lugar social, portanto, não é neutro/a (GROFF et al, 2010). Os procedimentos determinados para garantir a ética em pesquisa devem ser cumpridos, entretanto reduzir a ética apenas ao cumprimento de formalidades, pode fazer com que a pesquisa não cumpra com sua função de ser desencadeadora de um processo reflexivo (SILVA et al, 2012). É primordial a compreensão de que produzir conhecimento científico de maneira ética pressupõe questionar as condições em que se vive e que são reproduzidas ao longo da história (GROFF et al, 2010). Nessa

perspectiva, a pesquisadora manteve postura ética e responsável com as participantes e com os contextos nos quais estavam inseridas. (GROFF *et al*, 2010).

5 ARTIGO

Jovens que residem com a mãe: a participação no cuidado doméstico

Carolina de Oliveira Goretti e Adriana de França Drummond

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação, Universidade Federal de Minas Gerais

Nota das Autoras

Carolina de Oliveira Goretti <https://orcid.org/0000-0002-5964-6872> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

Adriana de França Drummond <https://orcid.org/0000-0003-1156-5050> Docente do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Não temos conflitos de interesse a divulgar.

A correspondência referente a este artigo deve ser endereçada a Carolina de Oliveira Goretti.

Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6627, Campus UFMG,
Pampulha, Belo Horizonte, MG, CEP 31270-010, Brasil. E-mail: cgoretti@gmail.com

RESUMO

Observa-se o crescimento do número de jovens residindo com a família em diferentes países e pouco se tem investigado sobre como o cuidado doméstico é vivenciado por esses/essas jovens. A pesquisa teve como objetivo compreender a percepção das jovens que residem com a mãe sobre a participação no cuidado doméstico. Neste estudo qualitativo participaram cinco jovens com idade entre 25 e 34 anos, moradoras de Belo Horizonte/região metropolitana/Minas Gerais/Brasil, solteiras ou divorciadas, que residem com a mãe. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e os resultados foram analisados por análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que as jovens participam do cuidado doméstico, principalmente das atividades de cuidado voltadas para si e a participação reduzida justifica-se pelo estudo, assim como na infância e na adolescência. As jovens realizam tarefas de cuidado familiar na ausência da mãe, como uma ajuda. A responsabilidade pelo cuidado doméstico continua recaindo sobre a mãe, apesar das jovens compreenderem que o cuidado não é uma tarefa naturalmente feminina. As participantes compreendem a carga de trabalho resultante do cuidado doméstico e necessidade de envolverem-se nas tarefas, apesar disso continuam contribuindo para a sobrecarga da mãe.

Palavras-chave: participação; cuidado doméstico; relações familiares

INTRODUÇÃO

A mudança da composição dos arranjos familiares é uma tendência observada mundialmente. Nos Estados Unidos, na década de 1980, cerca de 12% da população vivia em domicílios com mais de uma geração de adultos. Em 2014, essa proporção aumentou para 20%, sendo a maioria composta por adultos com idades entre 18 e 34 anos (Caputo, 2019). Na Europa, entre 2005 e 2011, foi detectada uma taxa média de 55% de coresidência com os pais nos países do Sul, 39% nos países liberais, 36% nos países conservadores e 18% nos países social-democratas (Burgess & Muir, 2020). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016) aponta que o percentual de famílias com filhos de 18 anos ou mais aumentou de 20,7% em 2005 para 24,6% em 2015, sendo que a proporção aumenta para 25,3% na faixa etária de 25 a 34 anos. A taxa de emprego de filhos que compartilhavam ou não o domicílio com os pais é semelhante, mas o tempo de estudo e grau de escolaridade dos filhos que residem com os pais é maior do que daqueles que saem de casa. Assim sendo, a opção de permanecer na casa dos pais está mais vinculada ao prolongamento dos estudos que à falta de emprego (IBGE, 2016).

O prolongamento da moradia dos/as jovens com a família é um fenômeno das sociedades contemporâneas que se dá a partir de fatores intrafamiliares e extrafamiliares em contextos sociais caracterizados por instabilidades e incertezas (Gallagher, Féres-Carneiro & Henriques, 2013). Em diferentes sociedades, o emprego formal e estável vem sendo substituído por novas formas de contratação com menos direitos trabalhistas e sem cobertura previdenciária (Gallagher et al 2013). Neste cenário de instabilidade, aumenta-se a exigência de qualificação profissional. A questão econômica, citada como principal causa de adiamento da saída da casa da família, não é capaz de explicar o fenômeno como um todo (Debert, 2010). Burgess e Muir (2020) ressaltam que o envelhecimento populacional, a dificuldade de acesso dos/as filhos/as à habitação própria, a formação tardia de família e o

desejo de manter a conexão entre as gerações são apontados como motivos para a tendência de viver em arranjos multigeracionais. Kye e Choi (2021) apontam que a redução do número de irmãos, o adiamento do casamento e a redução da taxa de fertilidade são fatores que explicam a coresidência entre pais/mães e filhos/as adultos/as. Questões relativas à saúde familiar também são relevantes para a determinação da coresidência (Thomeer e Reczek, 2020; Do e Malhotra, 2012; Caputo, 2019). Silva (2023) e Rambo, Löblein, Pando, Klockner e Bertoldo (2018) também ressaltam que as relações familiares têm se constituído cada vez mais democráticas e não hierarquizadas, possibilitando que o/a jovem tenha um estilo de vida livre e com isso, adie a saída da residência familiar (Figueiredo, 2008).

Assim, a definição dos ciclos de vida pela idade feita na Modernidade, a partir das fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho, saída da casa dos pais com ou sem união com parceiros/as, maternidade e aposentadoria é discutida na Pós-Modernidade, pois esses eventos ocorrem em idades cronológicas muito diversas, fazendo com que os ciclos de vida não possam ser definidos de forma rígida (Debert, 2010; Camarano, 2004). Nessa perspectiva, a condição de adulto é marcada pela fluidez e pela reversibilidade - emprego/desemprego, casamento/divórcio, abandono/retomada dos estudos, morar sozinho/retorno à família de origem (Pais, 2009).

Diante do aumento da permanência de jovens no domicílio das famílias, como se configura o cuidado doméstico?

O cuidado doméstico mantém a vida e permeia, direta ou indiretamente, a existência de todos os indivíduos, sendo que fatores sociais, políticos, econômicos e culturais influenciam na atribuição de responsabilidades e na contratação de serviços. Entende-se aqui o cuidado como “uma relação social entre prestador(a) e beneficiário(a), que é em princípio sexuada e pode ser não remunerada ou remunerada, acarretando um senso de responsabilidade pela vida e pelo bem-estar do outro” (Hirata, 2022). O cuidado doméstico,

ao longo do tempo, foi naturalizado como missão feminina ligada ao afeto e ao amor; sob essa perspectiva, não há justificativa para ser remunerado (Federici, 2019; Esteves & Maia, 2021).

A dinâmica familiar marcada por mulheres responsáveis pelo cuidado doméstico, predominantemente não remunerado, e homens exercendo o trabalho produtivo começou a ser alterada no século XIX com a necessidade da mão de obra feminina no mercado de trabalho (Esteves & Maia, 2021). No entanto, as mulheres são, ainda, as principais responsáveis pelo cuidado que é desvalorizado, invisibilizado e continuam tendo reduzida a sua autonomia e sua disponibilidade para outros aspectos da vida (Hirata, 2022).

O cuidado doméstico é produzido e sustentado em um imbricamento de desigualdades de gênero, classe social e raça (Hirata, 2022). Melo e Castilho (2019) ressaltam que mulheres inseridas no mercado de trabalho de forma precária são as que dedicam maior tempo ao cuidado doméstico, principalmente quando comparadas aos homens em situação semelhante. Aquelas com maior grau de instrução e cargos mais altos no mercado de trabalho despendem um tempo menor aos afazeres domésticos por contratarem outras mulheres para tal função. Apesar disso, a dedicação destas mulheres ao cuidado doméstico ainda é superior à dos homens em condições similares (Melo & Castilho, 2009). Estar inserida no mercado de trabalho não desonera a mulher do cuidado doméstico, gerando assim uma dupla ou tripla jornada. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023) aponta que as mulheres destinam, em média, 21,3 horas semanais às atividades relacionadas aos cuidados e afazeres domésticos enquanto os homens dedicam em média 11,7 horas às mesmas tarefas.

Apesar do gênero ser um importante marcador de desigualdades, ele não é o único. A raça, como um dispositivo de poder, também é chave para o entendimento do cuidado doméstico (Teixeira, 2021). Biroli (2015) resalta que, no caso do trabalho doméstico não

remunerado, a divisão sexual prevalece na definição de responsabilidades, quando se trata do trabalho de cuidado remunerado, a raça surge como definição de quem realiza o trabalho e de quem é beneficiado. Os homens e as mulheres brancas estão entre os que mais recebem cuidado intensivo e qualificado, mulheres negras e indivíduos de camadas mais pobres estão entre os que mais desempenham atividades de cuidado (Biroli, 2015). Fica evidente que mulheres negras, ainda hoje, sofrem com as consequências da escravidão, sendo a elas direcionadas funções vinculadas à servidão (Domingos, 2022).

Os estudos sobre o cuidado doméstico que envolvem jovens investigam como os casais se organizam para a divisão de tarefas domésticas e para o cuidado com filhos/as (McConnon, Midgette & Conry-Murray, 2022) ou a dinâmica de cuidado estabelecida em moradias compartilhadas por jovens adultos, na qual apresentam resistência às regras e escalas rígidas que comprometem a autonomia pessoal, preferindo as regras pactuadas a partir do diálogo (Clark, Tuffin, Bowker & Frewin, 2019). No estudo sobre divisão do cuidado doméstico entre casais realizado por McConnon *et al* (2022), revela-se que a maioria deles espera que as mães tenham a opção de ter um trabalho remunerado, porém o cuidado com os filhos é um fator limitante a ser resolvido por elas. Esses autores destacam também que os casais entendem que o marido, mesmo quando exerce trabalho remunerado durante todo o dia, deve ajudar no cuidado doméstico, no entanto, não é o responsável primário por estas tarefas.

Em geral, pesquisas sobre a participação de crianças e adolescentes no cuidado doméstico investigam a perspectiva dos pais/cuidadores. Drummond *et al* (2019) apontam que as mães/pais atribuem importância ao engajamento no cuidado doméstico com vistas à independência e autonomia dos filhos/filhas na vida adulta e não para o momento atual, retardando o processo de participação, principalmente no cuidado doméstico relacionado às tarefas familiares. A partir da projeção de que a autonomia das filhas e filhos no cuidado

doméstico será atingida na vida adulta, tornando obscuro o momento em que se deve iniciar essa aprendizagem e, considerando a sobrecarga desse cuidado para as mulheres, este estudo tem como objetivo compreender como se configura a participação no cuidado doméstico de filhas adultas que residem com suas mães.

MÉTODO

Desenho do estudo

Como estudo qualitativo, esta pesquisa visa o aprofundamento das experiências relacionadas ao cuidado doméstico das jovens que residem com a mãe (Minayo, 2001).

Participantes

Foram entrevistadas cinco moradoras de Belo Horizonte/região metropolitana/Minas Gerais/Brasil, solteiras ou separadas, de diferentes níveis socioeconômicos e raças, que residem pelo menos com a mãe e com idade entre 25 e 34 anos. A faixa etária foi definida com base nos dados do IBGE (2016) que aponta um aumento de filhos/filhas residindo com a família nesta faixa etária. O número de entrevistadas foi definido de forma gradual durante o processo de coleta, buscando garantir que houvesse uma participante de cada nível socioeconômico.

O critério de exclusão estabelecido foi a existência de condição de saúde, autodeclarada ou informada por responsáveis, que impedisse a jovem de participar da entrevista.

As participantes foram contactadas em instituições de ensino, de trabalho e por grupo de pesquisa em que a pesquisadora está inserida.

Procedimentos e instrumentos

Para a classificação socioeconômica das participantes, foi utilizada a escala Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) desenvolvida pela Associação Brasileira das

Empresas de Pesquisa (ABEP, 2021) que considera a estrutura física da residência, presença de bens de consumo e escolaridade do/a chefe de família para classificar seis classes decrescentes (A, B1, B2, C1, C2 e DE).

Foram realizadas entrevistas com as jovens com roteiro semiestruturado, contendo questões para a caracterização da participante e perguntas abertas norteadoras com o objetivo de compreender a motivação para permanência ou retorno das jovens para a casa da família, o modo de organização do cuidado doméstico no domicílio e a participação da jovem no cuidado doméstico. As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelas participantes com duração de trinta minutos a uma hora, sendo gravadas e registradas em diário de campo. A terapeuta ocupacional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação/EEFFTO/UFMG, realizou todas as entrevistas.

Aspectos éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP UFMG) – CAAE: 61152822.5.0000.5149 em 06 de setembro de 2022. Todas as participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para garantir o sigilo, os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios e foram omitidos dados que pudessem identificá-las.

Análise das entrevistas

A análise das entrevistas foi feita por meio de análise de conteúdo, que se utiliza de procedimentos sistemáticos para analisar o conteúdo das mesmas, visando desenvolver conclusões sobre a origem e condições de produção das mensagens (Bardin, 2016). Na primeira etapa foi feita a análise em profundidade das entrevistas e do diário de campo, posteriormente foram estabelecidas unidades temáticas e, a partir das mesmas, foram definidas as categorias analíticas apresentadas na sessão de Resultados.

RESULTADOS

Os dados sociodemográficos das participantes estão apresentados na tabela 1.

Tabela 1: Dados sociodemográficos das participantes

	Idade	Raça	Estado civil	Nível Socioeconômico (NSE)	Profissão	Escolaridade	Familiares que residem na casa
Patrícia	25	Branca	Solteira	A	Engenheira	Superior completo	Pai, mãe e irmão mais novo
Kelly	27	Branca	Solteira	B2	Zootecnista	Superior completo	Pai e mãe
Maria	31	Negra	Solteira	B2	Assistente social	Pós-graduação incompleta	Mãe, avó e tio
Jennifer	30	Negra	Separada	C1	Operadora de caixa	Ensino médio	Mãe e irmão mais novo
Soraia	34	Negra	Separada	DE	Doméstica	Ensino médio	Mãe e sobrinho

A partir da análise das entrevistas realizadas emergiram quatro categorias:

motivação para permanência, saída ou retorno para a casa da família; a centralidade da mulher no cuidado doméstico e o papel dos demais familiares; jovens e cuidado doméstico: o que fazem, o que não fazem e por quê?; a educação para o cuidado doméstico.

Motivação para permanência, saída ou retorno para a casa da família

A preocupação com os estudos e com o crescimento profissional são aspectos relevantes para a decisão, tanto de manter-se na casa da família, quanto para o movimento de saída das jovens de classe socioeconômica A e B: *“Quando eu fiz 20 anos eu falei assim, eu vou sair de casa. Só que aí foi quando eu comecei a me preparar para fazer a faculdade”*

(Maria, NSE B2);

“Meus pais sempre investiram muito na gente estudar. (...)e ela [mãe] falou: ‘Filha, nenhuma pressão... Sei que você não é nenhuma folgada, acomodada... Meu medo era você estar usando a gente como muleta, mas eu sei que você está correndo atrás do que é seu hoje. Foca no seu trabalho e eu sei que quando chegar sua hora...’”
(Patrícia, NSE A)

“Porque eu fui a primeira vez na graduação, saí como se eu fosse fazer a graduação inteira e teve a pandemia, eu voltei. E aí comecei a estudar estilo EAD (...) mas nessa brincadeira eu falei: não, vou voltar para Rio Acima (...) lá eu consigo estudar para um concurso, focar mais do que eu focaria aqui, porque lá eu teria que trabalhar para pagar as contas e tudo, e aqui eu consigo (...) ficar mais em casa, mais voltada pra estudar” (Kelly, NSE B2)

Ela percebe que neste segundo retorno teve um impacto emocional: *“E tem aquele negócio de... o outro lado, que é: caraca, fracassei. Saí, não consegui me manter fora. E querendo ou não, isso bate pesado até hoje” (Kelly, NSE B2)*. Hoje ela não tem planos de sair da casa dos pais.

No caso de Jennifer (NSE C), o trabalho atual e o fato de morar com a mãe e o irmão são suportes para que consiga uma reserva financeira para montar seu próprio negócio: *“Eu quero montar uma lojinha, então eu tenho que correr atrás.”*

A dedicação ao trabalho influencia também no tempo disponível para a realização das tarefas relativas ao cuidado doméstico, fazendo com que a permanência na casa da família garanta uma estrutura do cuidado doméstico, poupando a jovem de ter de se organizar em relação a determinadas tarefas: *“eu comecei a ver que não fazia sentido pra mim sair agora e ficar passando um aperto, ano passado eu estava trabalhando mais de 60 horas semanais, então eu não ia nem ter tempo de ficar em casa...” (Patrícia, NSE A)*.

Questões financeiras pessoais e familiares, por vezes se entrelaçam e influenciam na permanência ou retorno de jovens para a família de origem. A falta de condições de se sustentar sozinha é motivo relevante para jovens continuarem residindo com a família: *“Mas é a vida, eu tô aqui por esse tempo, porque eu precisei!” (Soraia, NSE DE)*. As razões para não conseguirem garantir o sustento de uma casa são diversas, passando pelo desemprego, salário baixo e pela necessidade de continuar contribuindo financeiramente com a família mesmo após sair de casa. Na situação de Maria (NSE B2), a mãe precisou sair do trabalho remunerado para cuidar da avó da jovem que começou a apresentar problemas graves de saúde. Os tios de Maria não se envolvem nem no cuidado diário, nem contribuindo financeiramente. Dessa forma, Maria passou a ser a principal responsável pelo sustento da

família e uma mudança de domicílio implicaria em ter de manter duas casas: “*eu falei assim: olha eu não vou ter condições de manter uma casa e contribuir com minha mãe e com minha avó (...) eu não vou dar a conta de manter as duas aqui, né?*” (Maria, NSE B2).

Em famílias de classe alta e média, o conforto da situação financeira familiar faz com que jovens busquem garantir a estabilidade e uma reserva de recurso antes de planejarem a saída de casa: “*eu quero estar estável para sair*” (Patrícia, NSE A). Nestes casos surge também o medo de não conseguir assegurar o padrão de vida desejado e ter de retornar para a casa dos pais. “*Mas eu comecei a ver amigo que saíram de casa passando aperto (...) Sair pra ficar apertada, ai meu Deus, aluguel...*” (Patrícia, NSE A).

A necessidade de cuidado afetivo ou de cuidados em saúde de si próprio apareceu como um fator de retorno para casa e como algo que favorece a permanência no núcleo familiar: “*Eu acho que foi um período que eu mais precisei. Não tem coisa melhor do que você estar perto da sua família, né? Aí você olha assim pra um lado e fala: por mais que tenha dificuldade, pelo menos tá ali ainda aquela união, né? Que é a família.*” (Soraia, NSE DE); “*É, no início voltar pra cá foi assim. Teve a parte boa, que foi isso, de eu acostumar minha cabeça, de eu conseguir melhorar, de ter meu pai e minha mãe perto de mim, me ajudou pra c*! (...) Aqui eu retomei meu tratamento*” (Kelly, NSE B2).

Demandas de cuidado e questões relativas à saúde dos pais ou outros familiares também influenciam na decisão de retorno ou permanência no domicílio: “*Estar aqui, estar na casa facilita esse tipo de coisa. E uma com a outra quando vira a chavinha [refere-se ao pai] a gente já tem a troca no olhar e a gente já sabe como vai ser daqui pra frente. A gente já entende tudo que vai acontecer ali.*” (Kelly, NSE B2); “*Só que aí as coisas vão mudando. Minha mãe adoeceu, depois minha avó.*” (Maria, NSE B2).

O estabelecimento de relações conjugais é um dos motivos para a saída ou para o planejamento da saída da casa da família. “*Ano que vem eu vou sair também em um novo*

modelo, né? Na questão mesmo de estar com outra pessoa” (Maria, NSE B2), “Olha, eu saí da minha família, não só da minha mãe, da minha família, eu tava com 13 anos. Aí eu fui morar com o pai das minhas meninas, e isso eu tive um casamento de 17 anos” (Soraia, NSE DE). Já o término de relação conjugais apresentou-se como um fator de retorno: “aí quando eu separei da última vez, eu vim aqui pra casa da minha mãe, fiquei aqui” (Soraia, NSE DE). Hoje, a motivação de Soraia para sair da casa da mãe é a vontade de ter uma vida independente: “O plano agora é em breve sair e pensar em mim. Coisa que eu não pensei até hoje. Pensar em mim.” (Soraia, NSE DE).

Os conflitos familiares surgem também como um fator de planejamento de saída da casa da família. Os conflitos de Jennifer (NSE C1) com a mãe e o padrasto fizeram com que voltasse para a casa dos avós que a criaram na infância e na adolescência, ela volta para a casa da mãe, sai para morar com a namorada e retorna com o fim do relacionamento. Maria (NSE B2) também diz: *“Mas eu já tive muito desejo de sair de casa quando eu era mais nova, por questões de relação mesmo com a minha mãe e tal, a gente tinha algumas dificuldades de convivência”*. Patrícia (NSE A) afirma que a pandemia da COVID-19 foi o fator de intensificação dos conflitos: *“E na pandemia eu comecei a perceber que estava muito desgastado... ‘Gente! Meus pais estão tirando pedaços meus, eu não posso mais ficar na casa deles. Eles estão tirando pedaços meus.’”*

A centralidade da mulher no cuidado doméstico e o papel dos demais familiares

A principal pessoa responsável pelo cuidado doméstico nos lares de todas as jovens entrevistadas é sempre a mulher, vivificada na figura da dona de casa. A mulher-mãe envolve-se na identificação das demandas, no gerenciamento e na execução de tarefas de manutenção, de cuidado com o outro e de sustento da casa de forma direta ou indireta, mesmo quando assume trabalho remunerado externo à casa. *“Minha mãe sempre foi mãe muito presente de levar, fazer, almoçar com a gente. Ela sempre trabalhou meio horário pra poder*

levar e fazer tudo com a gente.” (Patrícia, NSE A); *“E aí ela que organiza, paga as contas, o que tá faltando, o que deixou de faltar, entendeu? Ela que organiza.”* (Soraia, NSE DE).

A presença de mão de obra feminina remunerada de cuidado doméstico aparece em duas entrevistas como diaristas. Na casa de Patrícia (NSE A) há uma diarista três vezes na semana, a mesma que já trabalhou no domicílio como mensalista anteriormente. A presença da diarista não desresponsabiliza a mãe pelo cuidado doméstico, mas diminui a participação dos demais membros da família. *“A gente sempre teve alguém pra ajudar, hoje tem a Conceição que vem três vezes na semana. (...) Fica ela [a mãe] e a faxineira nisso.”* (Patrícia, NSE A). No domicílio de Kelly, a presença da diarista se dá apenas para realizar tarefas específicas, mantendo a responsabilidade da entrevistada e da mãe pelo restante das tarefas domésticas. *“Tem uma moça que vem aqui todo sábado pra lavar as roupas, aí lava as roupas dele [o pai] e as roupas de cama, tipo, roupa de cama, casa, tipo, prato, sabe?”* (Kelly, NSE B2).

Na casa de Maria e de Kelly, o cuidado doméstico é realizado em parceria entre mãe e filha. Uma característica importante da família de Maria é a presença de uma idosa dependente, fazendo que a rotina da mãe seja tomada por este cuidado. *“Minha avó tem princípio de demência, ela está com 90 anos. Então minha mãe tem que ficar o tempo todo por conta.”* (Maria, NSE B2).

Quando a mãe se ausenta pela sobrecarga causada por outras funções, por adoecimento ou por envolvimento em trabalho externo ao domicílio, a identificação das demandas e a execução das tarefas de cuidado é frequentemente assumida por uma outra mulher, em geral, as filhas: *“Porque assim, morava umas seis pessoas em casa, como é que um só ficava responsável por todo mundo? E minha mãe trabalhando, e minha avó já idosa, e a gente estudando, trabalhando”* (Maria, NSE B2). A mãe de Jennifer é envolvida em movimentos sociais, em função disso, muitas vezes se ausenta da casa para viagens e

reuniões, por esse motivo a filha é convocada a assumir o cuidado doméstico. *“Porque a minha mãe cobra é eu”* (Jennifer, NSE C1). A família reside em uma ocupação urbana, a garantia de um local de moradia se deu através de uma luta política, portanto Jennifer compreende a ausência da mãe também como uma forma de cuidado. *“Não posso reclamar que a minha mãe faz de tudo também por nós, né?”* (Jennifer, NSE C1).

Quando a mãe que exerce um trabalho remunerado externo ao domicílio aposenta e volta a estar mais presente, observa-se uma mudança da rotina da casa. Patrícia aponta que, com a aposentadoria da mãe, passou a ser menos cobrada pela sua participação: *“Minha mãe aposentou e ela cobra menos da gente.”* (Patrícia, NSE A).

Outro aspecto relevante que surgiu é o fato da mãe centralizar o cuidado doméstico nela mesma e, por vezes, impedir ou criticar negativamente a filha quando realiza alguma tarefa. *“Olha, eu vou falar com você. A gente aqui em casa, a gente sempre quer fazer... o problema aqui dessa casa é minha mãe. [...] Uma acumulação desnecessária, se a gente pega e tira, ela bate.”* (Soraia, NSE DE).

A divisão do cuidado doméstico ainda envolve os homens em atribuições culturalmente consideradas “masculinas”, como sustento financeiro da família, atividades de manutenção da casa e tarefas externas ao domicílio, reforçando a figura do chefe de família: *“Então meu pai, minha mãe, sempre foi aquela coisa bem conservadora. Minha mãe olhava mais pra casa e meu pai mais pra parte financeira.”* (Patrícia, NSE A); *“Aí, todo sábado, ele [o pai] vai na feirinha. Tem uma feirinha de orgânico aqui na praça [...] e lá fora ele tava arrumando uma construção e plantando um monte de árvore.”* (Kelly, NSE B2).

Muitas vezes a execução da tarefa só se dá através da identificação da necessidade e da cobrança ou pedido que pode partir da mãe, de uma das jovens para outros/as familiares e, mais raramente, do pai. *“Eu mostrei pra ele [pai] onde tava, ele falou, ah, vou trocar. Ele não trocou”* (Kelly, NSE B2), *“E a gente minha mãe sempre fala ‘ah... arruma a cozinha no*

fim de semana...’” (Patrícia, NSE A); *“Eu falei sério com ele, eu chamo ele de Fê. ‘Ó Fê, dá um grau lá em casa, você tá lá, já tem uns dois dias, você viu chegando sem voz aí, passando mal, você sujou tudo’*” (Jennifer, NSE C1). O homem aparece como alguém que já cobrou a realização do cuidado doméstico: *“Não mais. Mas [o pai] já cobrou muito.”* (Kelly, NSE B2). Em alguns casos, a determinação para a realização de tarefas do cuidado doméstico surge como algo que parte da familiar mais velha para os familiares mais novos, *“então eu falava [para os/as primos/as mais novos]: vocês podem arrumar a casa porque se vocês não arrumarem não vai dar certo não”* (Maria, NSE B2). Maria atribui o maior envolvimento de familiares mais velhos/as à falta de habilidade dos mais novos: *“porque igual minha irmã na época tinha oito anos. Ela arrumava a cama, mas não arrumava direito, mas a gente deixava ela arrumar assim mesmo. Ela arrumava do jeito dela, depois a gente ia e corrigia.”* (Maria, NSE B2).

A consciência de que o cuidado doméstico demanda tempo e trabalho faz com que todas as entrevistadas se envolvam de alguma forma nas tarefas. A distribuição das atividades entre os membros da família pode se dar por dois formatos diferentes: por um acordo prévio ou no momento da identificação da demanda: *“Não tem nada formalizado, você vai fazer isso, vou ficar por conta do quintal, ela fica por conta do quintal porque as coisas dela estão lá.”* (Maria, NSE B2); *“Tiveram uns anos que era assim... Um lavava a louça e o outro passeava com a cachorrinha...”* (Patrícia, NSE A).

Observa-se que a postura questionadora dos papéis definidos pelo gênero aparece em classes socioeconômicas diferentes. Algumas das jovens não aceitam a definição da distribuição do cuidado doméstico pela perspectiva de gênero de forma passiva e assumem uma postura questionadora diante da divisão de tarefas entre os familiares: *“E até nas minhas épocas, naquela época que você está se descobrindo como mulher eu: ‘mãe! você não tem que fazer jantar, você tem que se rebelar’”* (Patrícia, NSE A). *“Hoje em dia, eu vejo vários*

homens cozinhando. Não é só a mulher que pode ir pra cozinha, pôr umbigo no fogão e fazer a comida, ou lavar uma vasilha ou varrer uma casa.” (Jennifer, NSE C1); *“Porque tem aquela questão da supremacia do homem e tal, que o homem não pode fazer e eu já fui sempre de falar com meus primos.”* (Maria, NSE B2).

A Pandemia da COVID-19 foi um fator relevante para a mudança da divisão do cuidado doméstico nas famílias. Com a necessidade de isolamento social, a mão de obra remunerada foi dispensada, gerando no caso de Soraia (NSE DE), o desemprego: *“Eu trabalhava muito era com faxina, diarista, doméstica e depois da pandemia muita gente não tá querendo ninguém dentro da casa deles.”* No caso de Patrícia (NSE A), a Pandemia gerou a necessidade de envolvimento de todos os familiares no cuidado doméstico: *“aí chegou a pandemia e a gente começou a estar mais em contato com o cuidado doméstico”*. O trabalho doméstico tornou-se visível para alguns que antes não o enxergavam e que passaram a se envolver nas tarefas. *“Acho que o olhar mudou, pela primeira vez meu pai teve que ficar em casa e ele passou a ver que tinha que fazer, dele querer fazer, dele ajudar, dele pedir pra gente ajudar. Acho que foi natural.”* (Patrícia, NSE A)

Patrícia e Maria deixam transparecer em suas falas o desejo de não reproduzirem em suas vidas apenas o papel de mulher cuidadora e de poderem ocupar outros espaços sociais: *“Eu fico indignada com isso. (...) Eu não quero repetir isso, não.”* (Maria NSE B2); *“E aí, depois eu me situei que tá tudo bem eu viver e não saber fazer feijão porque eu não quero, eu não quero cozinhar e ser dona de casa, eu quero trabalhar.”* (Patrícia, NSE A).

Jovens e cuidado doméstico: o que fazem, o que não fazem e por quê?

Todos as jovens realizam tarefas de cuidado doméstico voltadas para si. *“Acaba que as minhas refeições eu mesma me viro, assim, né?”* (Patrícia, NSE A); *“eu acostumei a lavar as minhas [roupas].”* (Kelly, NSE B2); *“[cuido] do meu canto, e ela do dela.”* (Soraia, NSE DE). No entanto, observa-se a restrição na participação do cuidado doméstico familiar

influenciada por diversos fatores. Além disso, há um nível de comprometimento diferente entre as jovens entrevistadas.

Uma das justificativas apresentadas por elas para não realização de tarefas do cuidado doméstico familiar refere-se ao tempo disponível. *“Então hoje minha rotina eu saio de casa umas 08hr e chego umas 19h30min, 20hr. Eu fico o dia todo fora.”* (Patrícia, NSE A); *“Mas é porque agora também eu tô de férias do trabalho, então tá um pouco mais tranquilo. Mas se eu não tiver também eu não me cobro tanto mais não. Nossa, não deu tempo de arrumar!”* (Maria, NSE B2). Além da disponibilidade de tempo, observa-se que na família de classe socioeconômica A e que tem mão-de-obra remunerada para realização das tarefas domésticas três vezes na semana, a jovem relata não participar do cuidado doméstico familiar. *“... porque eu acho que a gente foi privilegiada de nem sempre precisar [fazer]”* (Patrícia, NSE A).

As tarefas de manutenção da casa, como por exemplo pequenos reparos, trocas de lâmpada e de chuveiros, são pouco realizadas pelas jovens. Apenas uma declara realizar: *“Sou eu mesmo. E até quando eu morava em São João queimava aquela [lâmpada] ali, ou queimava alguma lá fora, eu chegava e ele falava: ‘ó, tem uma lâmpada ali queimada, você pode...’”* (Kelly, NSE B2).

Além do cuidado com a própria casa e consigo mesmo, surge a questão do cuidado com outras pessoas que residem na casa. Nota-se um cuidado das filhas com a saúde dos pais e preocupação com aspectos relacionados ao envelhecimento dos mesmos. *“minha mãe tava começando a adoecer. A gente já falava: mãe toma alguma coisa.”* (Kelly, NSE B2); *“Se eu ficar vindo e fazendo, eu vou perder minha mãe muito mais rápido do que eu posso prevenir hoje.”* (Soraia, NSE DE). Maria eventualmente envolve-se no cuidado da avó. *“Minha avó tem cinco filhos, mas ninguém se compromete assim no cuidado. Agora que eu tô de férias eu me envolvo mais, sabe? Mas quando eu não estou, eu me envolvo naquilo que eu consigo também”* (Maria, NSE B2).

A palavra “ajuda” surge no discurso das jovens, principalmente quando o assunto é o cuidado doméstico familiar e o cuidado com o outro, indicando que as mesmas realizam as tarefas, mas não se identificam como as principais responsáveis por elas. *“Mas sempre ajudei minha mãe a arrumar casa.”* (Jennifer, NSE C1); *“Eu sei que minha mãe sabe que eu ajudo.”* (Kelly, NSE B2).

A mesma divisão observada em relação ao cuidado doméstico, surge quando se trata do sustento financeiro da casa. Há jovens que se responsabilizam apenas pelas suas despesas pessoais: *“eu pago as minhas refeições, eu pago meu almoço, minha gasolina, assim, mas eu não contribuo financeiramente aqui dentro nada”* (Patrícia, NSE A); *“Aprendi a ganhar dinheiro. Eu sempre gostei de sair sem precisar ninguém pagar nada, sabe?”* (Jennifer, NSE C1). Dentre aquelas que contribuem com as despesas domésticas, Jennifer contribui com valor fixo mensal; Soraia participa de acordo com a demanda familiar e Maria é a principal provedora da família: *“É dividido. [...] Eu, o Fê, a gente tá dando 200. [...] Ela nunca reclamou, ela sempre elogiou nós. Diz que a gente, nós não deixa faltar nada, né?”* (Jennifer, NSE C1); *“porque também igual eu tô desempregada, eu ajudo conforme eu posso. Nisso daí ela sabe, se eu tiver eu não ligo não, não ligo de gastar não.”* (Soraia, NSE DE); *“eu sou a que mais contribui com a renda da minha casa”* (Maria, NSE B2).

A educação para o cuidado doméstico

As jovens apresentam motivações diversas para realizarem o cuidado doméstico. O modo como se deu a aprendizagem do cuidado doméstico na infância e na adolescência é um fator importante para a compreensão do que as motiva a executarem as tarefas.

A principal exigência na infância das classes econômicas A e B é a do cuidado doméstico para si. No final da infância e no início da adolescência começam a surgir cobranças também para o cuidado familiar:

“Criança não [participava do cuidado familiar], até porque eu tinha duas irmãs mais velhas. Dificilmente na infância eu era obrigada a fazer alguma coisinha. Eu era obrigada a arrumar meu quarto, eu era obrigada a arrumar a cama, eu era obrigada a separar minha roupa suja e colocar no cesto, essas coisas básicas que você ensina pra criança.” (Kelly, NSE B2).

Entre as entrevistadas negras a questão do cuidado familiar aparece ainda na infância e na adolescência: *“E eu sempre cuidei do meu irmão” (Jennifer, NSE C1); “Eu lembro quando eu era nova. Nossa, minha avó era tão abençoadinha que ela mandava toda sexta-feira a gente tinha que dar a faxina na casa e ariar panela.” (Maria, NSE B2);*

Aí eu já olhava os filhos dos meus irmãos, cozinhava pros meus irmãos, lavava roupa, lavava casa, fazia tudo. Tudo que eu aprendi foi dentro de casa mesmo. (...) Eu com sete anos eu queimei, fazendo comida já. Então, bem provável que seis, sete anos. Daí até hoje.” (Soraia, NSE DE).

No caso das jovens de classe econômica C e DE a responsabilidade pelo cuidado doméstico e pelo cuidado com outros familiares na infância ocorre devido à ausência de um adulto responsável: *“E eu sempre cuidei do meu irmão, porque uma vez eu tentei morar com a minha mãe, no bairro Aparecida era eu que fazia tudo. Mãe saía, eu criança, né? Uns nove anos de idade. Eu varria. Eu passava até roupa.” (Jennifer, NSE C1); “Quando eu era criança, eu era praticamente mãe, né? A mãe, a babá, cozinheira, doméstica. Eu era quebragallo, vamos dizer assim. Tudo. Fazia, olhava os meus sobrinhos, os meus irmãos mais novos, não, porque eu era mais nova, né?” (Soraia, NSE DE).*

Soraia ainda aponta que tornar-se responsável pelo cuidado de uma família quando ainda era uma criança trouxe impactos na vida adulta e no cuidado com as suas filhas: *“Deve ser pra mim, porque de tanta opressão que eu tive na infância que eu não consigo cuidar da minha filha.” (Soraia, NSE DE).* Ela reflete que a obrigação do cuidado doméstico e do cuidado de outros ainda na infância pode ter influenciado na forma que educou suas filhas, apesar de incentivar a participação das mesmas, nunca colocou como uma determinação: *“Não, eu falava com elas pra fazer, interagia com elas pra elas me ajudar. Mas eu nunca fui de obrigar elas a fazerem, eu não coloquei como uma regra, sabe?” (Soraia, NSE DE).*

Assim, observa-se que há uma preocupação com o envolvimento das filhas no cuidado doméstico desde a infância. Na vida adulta todas realizam pelo menos as tarefas de cuidado para si mesmas, no caso das classes sociais mais elevada a participação nas tarefas visa garantir a aprendizagem e a responsabilização no futuro; já no caso das classes sociais mais baixas, a preocupação se dá pela necessidade de substituição do cuidado que seria exercido pela mãe.

Nota-se que as jovens entrevistadas, em determinados momentos, realizam o cuidado doméstico sem a necessidade de um pedido ou uma ordem: *“Mas isso de automático né, impregnado, a gente já pegava pra fazer”* (Maria, NSE B2). A autorresponsabilização surge por um entendimento de que o cuidado doméstico é uma obrigação dos membros da família ou como uma forma de poupar a mãe de uma sobrecarga com as tarefas: *“Porque não é nem questão de ajudar, eu acho que se a gente tá morando aqui, eu limpava lá em São João. [...] Era minha casa, e aqui também é minha casa [...] E eu não vou deixar minha mãe fazer as coisas todas sozinha, sabe?”* (Kelly, NSE B2).

O cuidado doméstico é visto como algo necessário à sobrevivência, indiferente de como se dá a divisão ou de quem o realiza: *“Faço porque eu preciso sobreviver e porque eu sou uma pessoa organizada e limpa, né?”* (Patrícia, NSE A). O fato de ser um momento de integração da família ou ser uma atividade prazerosa também é visto como um disparador para a realização do cuidado doméstico: *“É um momento gostoso, inclusive, assim. Todo mundo fica lá na cozinha e tal.”* (Patrícia, NSE A); *“Ou agora se quer ver eu lavar banheiro. Eu amo lavar banheiro.”* (Jeniffer, NSE C)

DISCUSSÃO

Os motivos pelos quais as jovens permanecem na casa da família ou retornam a ela vai ao encontro da literatura sobre o tema. O investimento na carreira profissional, a continuidade dos estudos, a manutenção de um padrão de vida, a necessidade financeira, o

estabelecimento e o rompimento de relações conjugais, o adoecimento das jovens e familiares, a qualidade da convivência familiar são alguns desses motivos (Silva, 2023; Rambo *et al* 2018; Gallagher *et al* 2013; Debert, 2010; Peixoto & Luz, 2007). Famílias com melhores condições financeiras conseguem garantir o sustento das filhas por mais tempo para que se preparem para o mercado de trabalho competitivo, ampliando as possibilidades de sucesso profissional (Rambo *et al*, 2018; Silva, 2023). Silva (2023) aponta que os pais, no Brasil, frequentemente, veem a independência financeira e a ascensão profissional dos/as filhos/as como uma realização dos próprios sonhos, para tanto garantem o sustento dos mesmos. Culturalmente também, o papel da família como mantenedora de bem-estar e proteção é naturalizado no Brasil e o cuidado é visto como responsabilidade do núcleo familiar (Britto, 2019).

A participação das filhas adultas no cuidado doméstico na casa das mães/familiares parece ser uma continuidade da forma como participavam na infância e adolescência, sobretudo realizando atividades de cuidado de si próprio em detrimento da participação no cuidado doméstico familiar. Drummond *et al* (2019) ao discutirem a participação de crianças e adolescentes, de diferentes níveis socioeconômicos, no cuidado doméstico ressaltam que, na perspectiva dos cuidadores, a aprendizagem desse cuidado é importante para a autonomia na vida adulta, adiando-se assim, para o futuro, o engajamento dos/das filhos/as. No entanto, esse engajamento no cuidado doméstico não se dá de forma linear. Muitas vezes, as mães/pais não têm clareza de quando começar a proporcionar o acesso dos/as filhos/as às tarefas domésticas (Drummond *et al*, 2019). Para as crianças, é esperado que o cuidado de si próprio seja assumido no momento presente e que, com o avançar da idade, comecem a se responsabilizarem pelo cuidado doméstico familiar (Drummond, 2014).

Nota-se que as jovens negras realizam tarefas do cuidado familiar desde a infância, Davis (2016) revela que as mulheres negras nunca foram “apenas donas de casa”, além de

realizarem as tarefas domésticas, estavam envolvidas também no trabalho assalariado. Dessa forma, quando as mães negras precisavam ausentar-se do domicílio, as meninas negras acabavam assumindo o cuidado doméstico. Observa-se que o trabalho doméstico infantil, na experiência das jovens participantes do estudo, foi, para as meninas brancas, uma vivência de socialização e um meio de participação na vida familiar, enquanto as meninas negras precisaram assumir a responsabilidade pelo cuidado doméstico para desonerar as mulheres adultas para realizarem atividades remuneradas (Patriota & Alberto, 2014). Todas as jovens deste estudo realizam tarefas de cuidado doméstico para si, mas o cuidado familiar é reduzido para as jovens brancas de níveis socioeconômicos superiores e se estabelece, prioritariamente como uma relação de ajuda.

Nessa mesma perspectiva, em relação à participação nas despesas domésticas, observa-se que as jovens arcam com suas despesas pessoais e, em relação ao sustento da casa, a contribuição aparece também em forma de ajuda.

As jovens transitam entre a autonomia e a dependência do outro, em geral de uma mulher, para a participação no cuidado doméstico. Em alguns momentos assumem as tarefas domésticas pelo entendimento de que é algo que devem fazer, chegando, inclusive, a cobrar a participação de outros membros da família. Em outros momentos assumem uma postura semelhante à de crianças e adolescentes: pouca iniciativa e necessidade de serem solicitadas diversas vezes para que as tarefas domésticas sejam realizadas (Drummond, 2014).

O tempo consumido pelo envolvimento em atividades de trabalho remunerado e estudo é uma das justificativas das filhas para o menor comprometimento com o cuidado doméstico, principalmente nos níveis socioeconômicos mais altos. Situação análoga é encontrada na infância e na adolescência, quando o envolvimento em atividades escolares desobriga a participação em tarefas domésticas (Drummond, 2014). O fato de diversas atividades de cuidado não serem realizadas pelas jovens faz com que, mais uma vez, a mãe

seja responsabilizada. Assim, em situações emblemáticas em que a mãe precisa se ausentar do cuidado doméstico, outra mulher é convocada a assumir seu lugar de responsabilidade.

Culturalmente, o cuidado é colocado como algo natural, um traço pessoal feminino (Federici, 2019; Esteves & Maia, 2021). Perrot (2017) ressalta que, apesar de ser fundamental para todo o funcionamento da sociedade, o cuidado doméstico é um peso para as mulheres, resistindo às mudanças com vistas à equidade. As mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho, mas a distribuição das tarefas de cuidado doméstico entre os gêneros sofreu poucas modificações (Engel & Pereira, 2015). As jovens apontam que, mesmo quando há a participação do homem no cuidado, a divisão ainda se dá considerando a existência de tarefas masculinas e femininas. De acordo com o IBGE (2023), 91,3% das mulheres com 14 anos ou mais realizam alguma atividade doméstica, enquanto para homens na mesma faixa etária a taxa é de 71,6%. Apesar de muitos homens participarem dos afazeres, o tempo dedicado ao cuidado doméstico entre os gêneros é muito diferente, sendo que mulheres despendem 24 horas e meia por semana para tais atividades, enquanto homens dedicam 13 horas e 24 minutos. Atividades ligadas à alimentação, limpeza ou manutenção de roupas e limpeza ou arrumação da casa estão centralizadas na mulher, enquanto a única atividade exercida majoritariamente por homens é a realização de pequenos reparos e manutenção da casa. Essas informações convergem com os dados encontrados na pesquisa (IBGE, 2023).

As jovens, principalmente aquelas de classes econômicas mais elevadas, sentem o conforto de não se preocuparem com o funcionamento da casa e da organização do cuidado doméstico. Silva (2023) aponta que os pais proporcionam um “ninho acolhedor”, oferecendo facilidades através da desresponsabilização de jovens pelas tarefas domésticas para investirem na vida profissional. Neste contexto, o cuidado doméstico, via de regra, é assumido por uma outra figura feminina, em geral a mãe ou uma trabalhadora remunerada.

A presença de diarista pode influenciar na redução da participação das jovens no

cuidado doméstico, entretanto não exime a mãe de exercer essas tarefas. As mulheres ainda são as principais responsáveis pela manutenção da vida, organizando o cuidado doméstico e, quando não estão diretamente envolvidas, são responsáveis pela distribuição das tarefas (Bruschini & Ricoldi, 2009; Gênero e Número, 2023). Por diversos fatores, no Brasil, observa-se a redução de empregadas que exercem todas as tarefas domésticas e um crescimento da categoria de diaristas (Sorj, 2014). No entanto, ressalta-se que a regulamentação da atividade de “cuidadoras profissionais” não foi suficiente para a garantia de direitos e condições dignas de trabalho para essas mulheres (Guimarães, 2019). Com a redução da presença de empregadas mensalistas e com as dificuldades financeiras de se pagar também as diaristas, as mães se veem ainda mais sobrecarregadas pelo cuidado doméstico. Para as mães de níveis socioeconômicos mais baixos, nunca houve essa alternativa.

O fato de a mulher envolver-se em um trabalho externo ao domicílio reduz o tempo dedicado às tarefas domésticas, mas não a exime da participação no cuidado doméstico (IBGE, 2023). Em uma sociedade marcada pelas desigualdades de gênero, com a aposentadoria, a mulher pode então estar mais disponível para os afazeres domésticos, o que justificaria a diminuição da cobrança pela participação dos demais familiares nas tarefas da casa.

Em situações específicas pode haver mudanças na configuração do cuidado doméstico. A Pandemia da COVID-19 foi um desses fatores de reorganização do cuidado doméstico para as jovens. O mercado informal é ocupado em maior proporção por mulheres, sendo assim, estas são as primeiras atingidas no caso de uma crise econômica (Dorna, 2021). De acordo com pesquisa do Instituto Locomotiva, 45% das empregadas domésticas (diaristas e mensalistas) foram dispensadas do trabalho no período de isolamento social decorrente da Pandemia e ficaram sem nenhuma renda (Gênero e Número, 2020). Dorna (2021) ressalta que neste período acentuou-se a sobrecarga feminina com o cuidado doméstico, porém o trabalho

doméstico ganhou visibilidade e sua distribuição desigual ficou em evidência. Diante disso, algumas famílias propuseram novos arranjos das tarefas domésticas, ainda que limitadas às experiências individuais e, possivelmente, delimitadas a estratos sociais específicos (Dorna, 2021). Pela primeira vez para algumas famílias, outros familiares puderam observar o trabalho exercido pela mãe dentro de casa e, então, conscientizaram-se, de certa forma, da importância da participação de toda a família nas tarefas domésticas.

Drummond (2014) afirma que a trajetória de participação de crianças e adolescentes no cuidado doméstico é construída a partir de vivências do cotidiano. Apesar de todas as jovens envolverem-se de alguma forma no cuidado, o comprometimento com o cuidado familiar ocorre em famílias em que o cotidiano impôs ou favoreceu, ainda na infância, a participação dessas mulheres. Em famílias em que havia uma integração entre as jovens e outros familiares para a realização das tarefas desde a infância, observou-se um maior comprometimento das mesmas com o cuidado doméstico. Enquanto, em famílias que predominava fatores de restrição/inibição para o envolvimento, como críticas ao desempenho nas tarefas ou poucas oportunidades para a realização das atividades, as jovens demonstraram menor engajamento no cuidado doméstico e, sobretudo, no cuidado familiar. Reforça-se assim, a ideia de que aprende-se a participar e aprende-se a não participar do cuidado doméstico (Drummond, 2014).

Apesar da naturalização do cuidado doméstico como uma habilidade feminina, foi possível perceber nas entrevistas um questionamento da divisão sexual do trabalho partindo dessas mulheres. Observa-se também um desejo das jovens de não ocuparem o espaço da dona de casa ideal. Federici (2019) evidencia a luta das mulheres pela desnaturalização do trabalho doméstico como um “trabalho feminino” e afirma que a migração da mulher para o trabalho remunerado foi uma recusa ao trabalho doméstico. Embora tenham consciência da desigualdade na distribuição do trabalho doméstico, sobretudo entre homens e mulheres, e

demonstrem desejo de não perpetuar o cuidado como tarefa feminina, as jovens perpetuam a sobrecarga do cuidado doméstico com as mães, uma vez que mantém, em diferentes graus, a posição de ajuda. Portanto, a postura questionadora das filhas diante da desigualdade de gênero existente no cuidado doméstico, não implica em uma mudança nas relações desiguais que acarretam sobrecarga de trabalho materna. No cuidado doméstico, a relação entre mães e filhas mantém a desigualdade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das jovens no cuidado doméstico quando residem, sobretudo com a mãe, é uma continuidade da forma como participavam na infância e na adolescência. Na infância, começaram a se responsabilizar por algumas tarefas do cuidado de si com a perspectiva dos pais que seriam independentes na vida adulta. Ao alcançarem essa etapa da vida, permanecem prioritariamente realizando o cuidado de si e a participação no cuidado doméstico familiar parece não ter se expandido, principalmente para as jovens de níveis socioeconômico superiores.

Em alguns momentos, as jovens participam do cuidado doméstico de forma espontânea, em outros a participação precisa ser solicitada, configurando-se como ajuda. O investimento no estudo e nas atividades extracurriculares que sustentava a falta de tempo das crianças para participarem do cuidado doméstico, ainda se mantém, agora com vistas à formação profissional e preparação para o mercado de trabalho.

Observa-se que, apesar da participação das jovens no cuidado doméstico, as mães permanecem como as maiores responsáveis por esse cuidado. Em que pese as críticas que as filhas fazem à desigualdade de gênero, suas práticas reafirmam a sobrecarga do cuidado doméstico para as próprias mães.

A compreensão da demanda de trabalho gerada pelo cuidado doméstico e da imprescindibilidade do mesmo para a manutenção da vida leva as jovens a assumirem uma

postura crítica diante do fato das mães serem as principais responsáveis por ele. Entretanto, a visão crítica das jovens não gera uma mudança efetiva na divisão do cuidado, mantendo, assim, a sobrecarga das mulheres-mães.

REFERÊNCIAS

- ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2021). Critério Brasil 2021: Critério de Classificação Econômica Brasil. <https://www.abep.org/CriterioBrasil>
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Biroli, F.. (2015). Responsabilidades, cuidado e democracia. *Revista Brasileira De Ciência Política*, (18), 81–117.
- Britto, C. M. M.C. (2019). *A Saúde do Idoso e a Questão do Cuidado nas Famílias de Salvador-BA (Monografia de graduação em Serviço Social)*. Instituto De Psicologia, Universidade Federal da Bahia.
- Bruschini, M. C. A., & Ricoldi, A. M. (2009). Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. *Cadernos de pesquisa*, 39, 93-123.
- Burgess, G., & Muir, K. (2020). The increase in multigenerational households in the UK: The motivations for and experiences of multigenerational living. *Housing, Theory and Society*, 37(3), 322-338.
- Camarano, A. A. O. (2004). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?.
- Caputo J. (2019). Crowded Nests: Parent-Adult Child Coresidence Transitions and Parental Mental Health Following the Great Recession. *Journal of health and social behavior*, 60(2), 204–221.
- Clark, V., Tuffin, K., Bowker, N., & Frewin, K. (2019). Rosters: Freedom, responsibility, and co-operation in young adult shared households. *Australian Journal of Psychology*, 71(3), 232-240.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo Editorial.
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes antropológicos*, 16, 49-70.
- Do, Y. K., & Malhotra, C. (2012). The effect of coresidence with an adult child on depressive symptoms among older widowed women in South Korea: an instrumental variables estimation. *The journals of gerontology. Series B, Psychological sciences and social sciences*, 67(3), 384–391.
- Domingos, S. C. (2022). A posição desvantajosa das mulheres negras na divisão sexual do trabalho e nos cuidados domésticos no âmbito familiar. *Revista Contraponto*, 8(3)
- Dorna, L. B. H. (2021). O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da COVID-19: mudanças e permanências. *Laboreal*, 17(Nº1).
- Drummond, A. de F. (2014). *Participação de crianças e de adolescentes nas tarefas domésticas (Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais)*.
- Drummond, A. F., Gomes, A. M. R., Coster, W. J., & Mancini, M. C. (2015). Predictive factors of household task participation in Brazilian children and adolescents. *OTJR*:

occupation, participation and health, 35(2), 101-109.

Drummond, A. F., Coster, W. J., Gomes, A. M. R., & Mancini, M. C. (2019). Children's Participation in Household Tasks: Caregiver Importance and Satisfaction. *OTJR: occupation, participation and health*, 39(3), 151–158.

Engel, C., & Pereira, B. C. (2015). A organização social do trabalho doméstico e de cuidado: considerações sobre gênero e raça. *Revista Punto Género*, (5), 4–24. DOI: 10.5354/2735-7473.2015.37658.

Esteves, L. M., & Maia, L. V. (2021). Trabalho doméstico não remunerado e a crise do cuidado: uma visão feminista sobre os efeitos da COVID-19. *Revista de Gênero, Sexualidade e Direito*, 7(1), 58-74.

Federici, S. (2019). O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Editora Elefante.

Figueiredo, M. G. D. (2008). Ninho cheio, geração canguru: a permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais.

Gallagher, I. M., Féres-Carneiro, T. F., & Henriques, C. R. (2013). Planos Para o Futuro: Percepção de Filhos Adultos Coabitantes com os Pais. *Revista da SPAGESP*, 14(2).

Gênero e Número. (2020). Retrato das mães solo na pandemia. Gênero e Número. URL: <https://www.generonumero.media/reportagens/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>

Gênero e Número. (2023). Trabalho Doméstico e Mulheres. Gênero e Número. URL: <https://www.generonumero.media/reportagens/trabalho-domestico-mulheres/>

Guimarães, N. A. (2019). Os circuitos do cuidado: reflexões a partir do caso brasileiro. *Séminaire Publique de l'équipe Cresppa-GTM*, 1-38.

Gutierrez, D. M. D., Sousa, G. S. de., Figueiredo, A. E. B., Ribeiro, M. de N. de S., Diniz, C. X., & Nobre, G. A. S. S. (2021). Vivências subjetivas de familiares que cuidam de idosos dependentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(1), 47–56.

Hirata, H. (2022). *O cuidado: Teorias e práticas*. Boitempo Editorial.

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. (2016). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016. Rio de Janeiro: IBGE. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; n. 36).

IBGE. (2023). Outras formas de trabalho 2022. Rio de Janeiro. URL: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102020_informativo.pdf

McConnon, A., Midgette, A. J., & Conry-Murray, C. (2022). Mother Like Mothers and Work Like Fathers: US Heterosexual College Students' Assumptions About Who Should Meet Childcare and Housework Demands. *Sex Roles*, 86(1), 49-66.

Melo, H. P. D., & Castilho, M. (2009). Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz?. *Revista de economia contemporânea*, 13, 135-158.

Minayo, M. C. S. (Ed.). (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade* (18ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Pais, J. M. (2009). A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*, 18, 371-381.

Patriota, G. F. R., & Alberto, M. D. F. P. (2014). Trabalho infantil doméstico no interior dos lares: as faces da invisibilidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(3), 893-913.

Peixoto, C. E., & Luz, G. M. (2007). De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. *Cadernos Pagu*, (29), 171–191.

Perrot, M. (2017). *Minha história das mulheres* (2ª ed.). São Paulo: Contexto.

Rambo, M., Hentges, C. E., Löeblein, F. G., Pando, L. B., Klockner, M. I. B., & Bertoldo, L. T. M. (2018). Uma nova configuração familiar: O fenômeno "ninho cheio" e suas vicissitudes. *Perspectivas em Psicologia*, 22(1).

Silva, G. V. D. (2023). Ninho cheio: articulações amorosas dos filhos adultos que residem na casa dos pais.

Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 23(4), 441–453.

Sorj, B. (2014). Socialização do cuidado e desigualdades sociais. *Tempo Social*, 26(1), 123–128

Teixeira, J. (2021). *Trabalho doméstico*. Editora Jandaíra.

Thomeer, M. B., & Reczek, C. (2020). Intergenerational Coresidential Patterns by Young Adult's and Their Mother's Mental Health and Substance Use. *Journal of Family Issues*, 41(9), 1498-1524.

Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21, 181-186.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As jovens têm permanecido ou retornado à casa da família por motivos como crescimento profissional, necessidade de suporte financeiro ou afetivo, questões relativas à saúde dos familiares e o conforto garantido pelos pais/mães. A saída da casa da família é um dos marcos da passagem para a vida adulta e a reversibilidade que marca este fenômeno na atualidade influencia no cuidado doméstico.

O maior envolvimento das jovens no cuidado doméstico para si demonstra que há uma continuidade da forma de participação vivenciada na infância e adolescência. A expectativa de independência para o cuidado doméstico na vida adulta parece não ter sido atingida. As mães permanecem como principais responsáveis pelas tarefas e, com a redução da mãe de obra remunerada para o cuidado doméstico, veem-se ainda mais sobrecarregadas. Este cenário só é alterado em situações emblemáticas como a Pandemia, com a necessidade de cuidar de familiar em situação de fragilidade ou a saída da mãe para o trabalho remunerado, quando outra mulher é convocada a este lugar.

As jovens têm consciência do caráter essencial do cuidado doméstico para a vida e realizam ao menos tarefas de cuidado para si. Quanto à participação no cuidado familiar, nota-se que não aparece como prioridade para a maioria das entrevistadas e só assumem o papel de cuidadora principal na ausência da mãe. A sobrecarga das mulheres gerada pelas tarefas domésticas é percebida pelas jovens e não é aceita de forma passiva. Entretanto, a postura questionadora diante deste fato não gera mudança efetiva na divisão do cuidado e na diminuição da sobrecarga da mãe.

No início do processo de desenvolvimento dessa pesquisa, fui questionada sobre o motivo de querer compreender a participação de jovens no cuidado doméstico, uma vez que era óbvio que não participavam. Apesar dos resultados não poderem ser generalizados, a realização desta pesquisa qualitativa com as filhas adultas trouxe visibilidade para a reprodução das relações desiguais entre as próprias mulheres no ambiente doméstico.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. (2021). Critério Brasil 2021: Critério de Classificação Econômica Brasil. São Paulo: ABEP.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BIROLI, F.. Responsabilidades, cuidado e democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 18, p. 81–117, set. 2015.
- BRITTO, C. M. M.C. A saúde do idoso e a questão do cuidado nas famílias de Salvador-BA. Monografia de graduação em Serviço Social. Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, 2019.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A.; RICOLDI, Arlene Martinez. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. *Cadernos de pesquisa*, v. 39, p. 93-123, 2009.
- BURGESS, Gemma; MUIR, Kathryn. The increase in multigenerational households in the UK: The motivations for and experiences of multigenerational living. **Housing, Theory and Society**, v. 37, n. 3, p. 322-338, 2020.
- CAMARANO, A. A. O. Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?. Editora: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2004.
- CAPUTO, Jennifer. Crowded nests: parent–adult child coresidence transitions and parental mental health following the great recession. **Journal of health and social behavior**, v. 60, n. 2, p. 204-221, 2019.
- CLARK, Vicky et al. Rosters: Freedom, responsibility, and co-operation in young adult shared households. **Australian Journal of Psychology**, v. 71, n. 3, p. 232-240, 2019.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes antropológicos**, v. 16, p. 49-70, 2010.
- DO, Young Kyung; MALHOTRA, Chetna. The effect of coresidence with an adult child on depressive symptoms among older widowed women in South Korea: An instrumental variables estimation. **Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 67, n. 3, p. 384-391, 2012.
- DOMINGOS, S. C. A posição desvantajosa das mulheres negras na divisão sexual do trabalho e nos cuidados domésticos no âmbito familiar. **Revista Contraponto**, [S. l.], v. 8, n. 3, 2022.
- DORNA, Livia Borges Hoffmann. O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da COVID-19: mudanças e permanências. **Laboreal**, v. 17, n. N°1, 2021.
- DRUMMOND, Adriana de Franca et al. Children’s Participation in Household Tasks: Caregiver Importance and Satisfaction. **OTJR: Occupation, Participation and Health**, v. 39, n. 3, p. 151-158, 2019.

DRUMMOND, Adriana de Franca et al. Predictive factors of household task participation in Brazilian children and adolescents. **OTJR: Occupation, Participation and Health**, v. 35, n. 2, p. 101-109, 2015.

DRUMMOND, Adriana de França. Participação de crianças e de adolescentes nas tarefas domésticas. Orientador: Profa Dra Marisa Cotta Mancini. 2014. 125 f. Tese (Doutorado em Ciências da Reabilitação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ENGEL, Cíntia; PEREIRA, Bruna CJ. A organização social do trabalho doméstico e de cuidado: considerações sobre gênero e raça. **Revista Punto Género**, n. 5, p. ág. 4-24, 2015.

ESTEVES, Lorena Meirelles; MAIA, Lia Vidigal. Trabalho doméstico não remunerado e a crise do cuidado: uma visão feminista sobre os efeitos da COVID-19. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 7, n. 1, p. 58-74, 2021.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Editora Elefante, 2019.

FIGUEIREDO, Mariana Grasel. *Ninho cheio, geração canguru: a permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais*. 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa- 3ª ed**. Porto Alegre. Artmed, 2009. 405p.

GALLAGHER, Iris Massena; FERES-CARNEIRO, Terezinha; HENRIQUES, Celia Regina. Planos para o futuro: percepções de filhos adultos coabitantes com os pais. *Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto*, v. 14, n. 2, p. 4-18, 2013.

Gênero e Número. (2020). Retrato das mães solo na pandemia. *Gênero e Número*. Recuperado de <https://www.generonumero.media/reportagens/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>

Gênero e Número. (2023). Trabalho Doméstico e Mulheres. *Gênero e Número*. Recuperado de <https://www.generonumero.media/reportagens/trabalho-domestico-mulheres/>

GROFF, Apoliana Regina; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira. "Constituição do (a) pesquisador (a) em ciências humanas." *Arquivos Brasileiros de Psicologia* 62.1: 97-103, 2010.

GUIMARÃES, N. A. Os circuitos do cuidado: reflexões a partir do caso brasileiro. Comunicação ao painel "El trabajo de cuidado. Relaciones, significados, derechos. Miradas Latinoamericanas", 2019. Congress of the Latin American Studies Association (LASA), Boston, 24-27 maio, 2019.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran et al. Vivências subjetivas de familiares que cuidam de idosos dependentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 47-56, 2021.

HIRATA, Helena. **O cuidado: teorias e práticas**. São Paulo: Boitempo, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016 - Rio de Janeiro: IBGE, 2016 146 p. - (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; n. 36)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Outras formas de trabalho 2022. Rio de Janeiro. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102020_informativo.pdf.

KYE, Bongoh; CHOI, Yool. Are parents and children coresiding less than before? An analysis of intergenerational coresidence in South Korea, 1980–2015. **Demographic Research**, v. 45, p. 1-16, 2021.

MCCONNON, Annie; MIDGETTE, Allegra J.; CONRY-MURRAY, Clare. Mother Like Mothers and Work Like Fathers: US Heterosexual College Students' Assumptions About Who Should Meet Childcare and Housework Demands. **Sex Roles**, v. 86, n. 1, p. 49-66, 2022.

MELO, Hildete Pereira de; CASTILHO, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz?. **Revista de economia contemporânea**, v. 13, p. 135-158, 2009.

MINAYO, MC de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. Vozes. 2001.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*, v. 18, p. 371-381, 2009.

PATRIOTA, Gabriela Fernandes Rocha; ALBERTO, Maria de Fatima Pereira. Trabalho infantil doméstico no interior dos lares: as faces da invisibilidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 14, n. 3, p. 893-913, 2014.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; LUZ, Gleice Mattos. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, p. 171-191, 2007.

PERROT, M. Minha história das mulheres. São Paulo Contexto, 2007.

RAMBO, Mariele et al. Uma nova configuração familiar: O fenômeno "ninho cheio" e suas vicissitudes. **Perspectivas em Psicologia**, v. 22, n. 1, 2018.

SILVA, Carlos Roberto de Castro; MENDES, Rosilda; NAKAMURA, Eunice. A dimensão da ética na pesquisa em saúde com ênfase na abordagem qualitativa. *Saúde e Sociedade*, 21, 32-41, 2012.

SILVA, Graziela Vasconcelos da. Ninho cheio: articulações amorosas dos filhos adultos que residem na casa dos pais. 2023.

SILVEIRA, Paula Grazziotin; WAGNER, Adriana. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 23, p. 441-453, 2006.

SORJ, Bila. Socialização do cuidado e desigualdades sociais. **Tempo social**, v. 26, p. 123-128, 2014.

TEIXEIRA, Juliana. **Trabalho doméstico**. Editora Jandaíra, 2021.

THOMEER, Mieke Beth; RECZEK, Corinne. Intergenerational Coresidential Patterns by Young Adult's and Their Mother's Mental Health and Substance Use. **Journal of family issues**, v. 41, n. 9, p. 1498-1524, 2020.

WAGNER, Adriana et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.

ZHANG, Zhe; RECZEK, Corinne; COLEN, Cynthia G. Intergenerational Coresidence and Mothers' Body Weight at Midlife. **Population research and policy review**, v. 39, n. 6, p. 1051-1085, 2020.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

Data de nasc.: ____ / ____ / ____ **Gênero:** _____
Telefone (____) _____ **Email:** _____
Estado civil: _____ **Profissão:** _____
Raça: _____

Data da entrevista: ____ / ____ / ____
Local da entrevista: _____

Perguntas norteadoras

1. Observa-se que nas últimas décadas houve um crescimento do número de jovens residindo com a família. Para você como tem sido esse processo?
2. Quem são as pessoas que residem com você?
3. Como é sua rotina? Você estuda? Você exerce algum trabalho remunerado? Qual o seu vínculo de trabalho?
4. Como se organiza o cuidado doméstico em sua residência?
5. Quem são as pessoas responsáveis pela execução e planejamento do cuidado doméstico?
6. Como foi sua participação no cuidado doméstico na infância e na adolescência?
7. Como foi feita a definição de quem se responsabiliza pelo cuidado doméstico em sua casa?
8. Você realiza alguma tarefa do cuidado doméstico?
9. O que sua mãe pensa da forma que você participa do cuidado doméstico?
10. Há diferenças entre tarefas domésticas realizadas pelas filhas e filhos? Entre pai e mãe?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a, você está sendo convidado/a a participar de forma voluntária da pesquisa A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS QUE RESIDEM COM O(S)/A(S) PAI(S)/MÃE(S) NO CUIDADO DOMÉSTICO que tem como objetivo compreender a percepção de jovens que residem com o(s)/a(s) pai(s)/mãe(s) sobre o cuidado doméstico em suas residências. Para a coleta dos dados será realizada entrevista semiestruturada aplicada pela pesquisadora Carolina de Oliveira Goretti, em local de sua conveniência. As entrevistas serão gravadas, mantidas sob sigilo e armazenada pela pesquisadora por um período de 10 anos, ao fim deste período serão destruídas conforme determinação da CNS 466/2012. As informações fornecidas por você serão utilizadas somente para o estudo, publicações científicas e apresentação em eventos científicos sem revelar a identidade do participante. Este projeto de pesquisa está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e é orientado pela Profa. Dra. Adriana de França Drummond.

A pesquisa envolve o risco de constrangimento ou de possível desconforto durante algumas perguntas, caso se sinta incomodado/a poderá interromper a entrevista a qualquer momento ou desistir da participação sem qualquer penalidade. Visando minimizar os riscos de transmissão de infecções causadas pelo coronavírus serão seguidas todas as medidas de prevenção estabelecidas pelos protocolos da Prefeitura de Belo Horizonte. A entrevista será realizada em local arejado, mantendo distanciamento seguro, pesquisadora e participante deverão utilizar equipamentos de proteção individual. Caso pesquisadora ou entrevistado/a apresentem sintomas suspeitos de infecção pelo coronavírus, a entrevista será reagendada sem prejuízos para o/a participante.

O estudo não trará benefício direto ao participante, no entanto, a compreensão da participação dos adultos o cuidado doméstico poderá auxiliar profissionais de saúde que atendam o público em questão e na discussão do desenvolvimento de políticas relacionada ao cuidado.

A sua participação é voluntária, não haverá nenhuma compensação financeira pela participação e todos os custos serão de responsabilidade da pesquisadora. Você poderá desistir ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer prejuízo.

Você receberá uma via deste documento e poderá obter informações sobre questões éticas deste estudo com as pesquisadoras e com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG a qualquer momento nos contatos disponibilizados ao final deste documento. Caso você concorde em participar do estudo, favor assinar no espaço indicado.

Eu, _____ portador do RG _____, fui devidamente esclarecido/a em relação ao projeto de pesquisa “**A participação de jovens que residem com o(s)/a(s) pai(s)/mãe(s) no cuidado doméstico**” e autorizo a minha participação. Declaro estar ciente de que a participação é voluntária, não acarretará ônus e/ou remuneração. Estou ciente de que posso interromper e me retirar da pesquisa se e quando desejar, sem ônus e/ou represália.

Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora

Contatos:

Orientadora da pesquisa:

Profa. Dra. Adriana de França Drummond

Email: adfdrummond@gmail.com

Telefone: (31) 3409-7432

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) / UFMG:

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II - 2º andar – Sala 2005.– BH – MG

Telefax: (31) 3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

ANEXO I - Modelo de Questionário sugerido para aplicação - CCEB

P.XX Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

INSTRUÇÃO: Todos os itens devem ser perguntados pelo entrevistador e respondidos pelo entrevistado. Vamos começar? No domicílio tem _____ (LEIA CADA ITEM)

ITENS DE CONFORTO	ÃO OSSUI	QUANTIDADE QUE POSSUI			
					+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de <i>freezers</i> independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
	Rede geral de distribuição
	Poço ou nascente
	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
	Asfaltada/Pavimentada
	Terra/Cascalho

Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

Nomenclatura atual
Analfabeto / Fundamental I incompleto
Fundamental I completo / Fundamental II Incompleto
Fundamental completo/Médio Incompleto
Médio completo/Superior incompleto
Superior completo

ANEXO II - Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS QUE RESIDEM COM O(S)/A(S) PAI(S)/MÃE(S) NO CUIDADO DOMÉSTICO

Pesquisador: Adriana de França Drummond

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61152822.5.0000.5149

Instituição Proponente: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.626.604

Apresentação do Projeto:

Segundo os autores:

Observa-se uma tendência mundial de mudança dos arranjos familiares com o adiamento da saída dos/as filhos/as adultos/as da casa dos/das pais/mães; tal movimento pode ser observado também no Brasil. O arranjo familiar de casais com filhos continua sendo o mais comum e, apesar de ter apresentado uma redução, há um aumento na proporção de famílias com filhos maiores de 18 anos residindo com os pais, sendo que a mudança mais significativa ocorre na faixa etária entre 25 e 34 anos (IBGE, 2016). Houve um crescimento no número de estudos sobre esta temática nos últimos anos focados, principalmente, nas causas dessa mudança (Kye& Choi, 2021; Burgess&Muir, 2020) e nos impactos para a saúde e bem estar dos filhos e dos pais (Zhang, Reczek&Colen, 2020;Do&Malhotra, 2012; Thomeer&Reczek, 2020; e Caputo, 2019). Estudos sobre a participação dos jovens no cuidado doméstico buscam entender a divisão do trabalho entre casais (Clarket al, 2019; McConnon, Midgette&Conry-Murray, 2022).

Pesquisas sobre a participação de filhos/as nas tarefas domésticas se referem, principalmente, às crianças e adolescentes. Não foram encontradas publicações sobre o envolvimento dos filhos adultos no cuidado doméstico quando permanecem ou retornam à casa dos pais. Considerando que o cuidado doméstico perpassa a vida de todas as pessoas e que diferentes contextos sociais, políticos, econômicos e culturais geram diferentes

formas de divisão de responsabilidades e de participação nas tarefas, o presente estudo tem como

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.626.604

objetivo compreender a percepção de jovens que residem com pai(s)/mãe(s) sobre o cuidado doméstico, entender se há distribuição das atividades, como ela se dá e quais os fatores a influenciam. Trata-se de um estudo observacional do tipo transversal de natureza qualitativa (Minayo, 2008). Participarão do estudo jovens solteiros/as, moradores/as de Belo Horizonte e região metropolitana, com idade entre 25 e 34 anos, de diferentes níveis socioeconômicos e diferentes raças que residam com pelo menos um/a dos/as pais/mães. Serão entrevistados, também, o(s)/a(s) pai(s)/mãe(s) dos/as jovens. Os dados socioeconômicos serão coletados por meio da escala Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) desenvolvida pela Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (Abep, 2021). Serão realizadas entrevistas semiestruturadas. Os dados coletados serão interpretados utilizando a técnica de análise de conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a percepção de jovens que residem com o(s)/a(s) pai(s)/mãe(s) sobre o cuidado doméstico em suas residências.

Objetivo Secundário:

Compreender como se configuram as experiências com o cuidado doméstico pelos/as jovens que residem com mãe(s)/pai(s); entender se há distribuição do cuidado doméstico nestas famílias, como ela se dá e quais os fatores a condicionam; em caso de participação, observar o que é feito pelos/as filhos/as no cuidado doméstico; investigar se há diferença entre a participação das filhas adultas e dos filhos adultos no cuidado doméstico; entender o que os/as leva a participar ou a não participar do cuidado doméstico e a que atribuem essas posições; averiguar como entendem a posição da(s)/do(s) mãe(s)/pai(s) diante do cuidado doméstico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os autores:

Riscos:

Devido ao momento pandêmico causado pela COVID-19 há o risco de transmissão do vírus. Visando minimizar os riscos, serão seguidos todos os protocolos determinados pela Prefeitura de Belo Horizonte em vigência na data da entrevista, pesquisadora e entrevistado/a deverão utilizar equipamento de proteção individual, será mantido distanciamento recomendado pela OMS

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.626.604

(Organização Mundial de Saúde) e a entrevista será

realizada em local arejado. Caso o participante não possua os equipamentos de proteção individual necessários, os mesmos serão fornecidos pela pesquisadora. Caso pesquisadora ou entrevistado/a apresentem sintomas suspeitos de infecção pelo coronavírus, a entrevista será reagendada sem prejuízos para o/a participante.

A pesquisa envolve o risco de constrangimento ou de possível desconforto durante algumas perguntas, caso o/a participante se sinta incomodado/a poderá interromper a entrevista a qualquer momento ou desistir da participação sem qualquer penalidade.

Benefícios:

A compreensão da participação dos adultos o cuidado doméstico poderá auxiliar profissionais de saúde que atendam o público em questão e na discussão do desenvolvimento de políticas relacionada ao cuidado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa bem fundamentada e detalhada. Entretanto, algumas modificações são necessárias para aprovação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos de apresentação obrigatória foram apresentados.

Recomendações:

Somos a favor, S.M.J., de colocação do projeto em diligência.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

- 1- TCLE: especificar os principais temas a serem abordados na entrevista, bem como tempo estimado
- 2- TCLE: Substituir termo "participante" ou "entrevistado" por você.
- 3- TCLE: incluir a informação que haverá coleta de dados sociodemográficos
- 4- Retirar nome dos roteiros de pesquisa, de forma a garantir sigilo e anonimato, resguardando a confidencialidade e sigilo das informações, que deve ser também reforçada no TCLE.
- 5- TCLE: especificar se haverá gravação de áudio, ou áudio e imagem. Caso haja gravação de imagem, incluir termo de uso de imagem.
- 6- Projeto de pesquisa: especificar como será o recrutamento dos participantes. Caso alguma instituição ou serviço for acionado, incluir carta de anuência/modelo de carta de anuência

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 5.626.604

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com a Norma Operacional 01/2013, de 30 de setembro de 2013, o CEP aguarda a resposta até 30 (trinta) dias a partir da entrega deste parecer via Plataforma Brasil, para que o pesquisador atenda às pendências. Ao final deste prazo o projeto será arquivado. Solicita-se, ainda, que uma carta resposta seja enviada, via Plataforma Brasil, de forma ordenada, conforme os itens das considerações deste parecer, indicando-se também a localização das possíveis alterações no protocolo, inclusive no TCLE.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1978074.pdf	01/08/2022 21:33:48		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	01/08/2022 21:31:45	Adriana de França Drummond	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	01/08/2022 21:31:28	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	Parecer_projeto_de_pesquisa_mestrado.pdf	01/08/2022 11:13:26	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	questionario_socioeconomico.pdf	27/07/2022 22:03:33	Adriana de França Drummond	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_AD.pdf	27/07/2022 21:54:11	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_com_pai_mae.pdf	08/07/2022 12:54:24	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_com_jovens.pdf	08/07/2022 12:47:54	Adriana de França Drummond	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.626.604

BELO HORIZONTE, 06 de Setembro de 2022

Assinado por:
Crissia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br